

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXVI nº 1553 | 20/12/2021 a 31/12/2021

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

CODE	BID	ASK	LAST	T/VOL
2ST	8.00	8.12	8.00▼	392,000
ABE	9.50	10.00	9.80▲	10,400
ABY	55.00	58.00	56.00▼	9,540
AC	710.00	710.50	710.00▲	112,490
ACG	1.50	1.51	1.50▲	409,000
AEM	52.00	52.05	52.00▼	131,400
AGV	2.15	2.32	2.33▼	12,000
AGW	19.04	19.06	19.04▼	795,400
ALN	34.90	35.00	35.00▼	2,013K
ANG	6.10	6.80	6.80▼	6,600
AQ	40.75	40.85	40.85▲	865,000
AQC	0.4900	0.5000	0.5000▲	326,000
AS	0.0049	0.0050	0.0050▲	1,443M
AU	4.30	4.55	4.30▲	308,000



GESTÃO

PRODUÇÃO RURAL PROTEGIDA EM BOLSA

Ferramentas permitem ao produtor agropecuário operar nos mercados futuro e de opções, garantindo rentabilidade ao negócio

Aos leitores

Chegamos à última edição da revista Boletim Informativo de 2021, infelizmente, trazendo uma notícia não tão boa para avicultores e suinocultores. O recente levantamento de custos das atividades, realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, mostra a situação complicada, em muitos casos, inviabilizando o financiamento a produção. Os motivos são conhecidos da população: inflação, energia elétrica e pandemia.

Mas esse mesmo material, que você confere neste periódico, também traz uma boa notícia. Cada vez mais os produtores rurais paranaenses, independentemente da atividade, estão adotando sistemas renováveis de energia. Esses investimentos, no curto prazo, permitem que o agricultor e/ou pecuarista se torne autossuficiente na produção de energia. Ou seja, não terá mais conta de luz para pagar.

A adoção da energia renovável no campo, depois do reconhecimento do Paraná como área livre de febre aftosa sem vacinação, passou a ser a principal bandeira do Sistema FAEP/SENAR-PR. Com os exemplos pipocando em todos os cantos do Estado, podemos dizer que o trabalho de divulgação e convencimento tem sido um sucesso.

Nos resta agradecer aos produtores rurais e demais leitores que nos prestigiaram ao longo deste ano. E reforçar o voto de confiança no trabalho, reafirmando que, em 2022 teremos mais notícias boas e algumas nem tanto (que fazem parte do jogo) para compartilhar com vocês.

Feliz Natal e um ótimo 2022!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Lisiane Rocha Czech, Nery José Thome e Valdemar da Silva Melato | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita
Diretor Financeiro: Paulo José Buso Júnior e Ivo Pierin Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Walter Ferreira Lima | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, Eduardo Medeiros Gomes e Gerson Magnoni Bortoli.

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Marcos Junior Brambilla (Fetaep), Rosanne Curi Zarattini (Senar AC), Darci Piana (Fecomércio) e Nelson Costa (Ocepar) | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto
Superintendente Adjunto: Carlos Augusto Albuquerque.

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Aníbal
Projeto Gráfico e Diagramação: Fernando Santos, Helio Lacerda e William Goldbach
Colaboração: Lucas Silva e Vivian Assunção
Contato: imprensa@faep.com.br

Publicação quinzenal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1553:

Milena dos Santos Silva, Fernando Santos, William Goldbach, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE

ESTRATÉGIAS A FAVOR

Produtor rural pode usar mercados futuro e de opções para se proteger de oscilações das cotações

PÁG. 12

ACERVO AMPLIADO

Biblioteca Virtual do SENAR-PR passa a contar com 11 novos títulos, de diversas áreas. Todos são gratuitos

Pág. 4

MIP NA PRÁTICA

Universitário aprende técnicas em curso do SENAR-PR e as aplica na propriedade da família

Pág. 17

DE AVES PARA SUÍNOS

Antigos aviários passam a ser destinados à suinocultura, em Pirai no Sul, permitindo que a atividade cresça

Pág. 20

AVICULTURA NO VERMELHO

Energia e infraestrutura pesam nos custos de produção e mantêm produtores no negativo

Pág. 22

DÉFICIT NA SUINOCULTURA

Reajustes recebidos por produtores integrados não foram suficientes para cobrir custos de produção

Pág. 30

Pela segunda vez, instrutor do SENAR-PR vence prêmio nacional

Marcelo Guimarães preparou uma videoaula para o curso de inclusão digital. Concurso foi promovido pelo SENAR Nacional



Marcelo Guimarães está há sete anos no quadro de instrutores do SENAR-PR

Pelo segundo ano consecutivo, o instrutor Marcelo Ferreira Guimarães ficou entre os dez vencedores do Prêmio Nacional de Vídeos Educativos de Formação Profissional (FPR) e Promoção Social (PS), promovido pelo SENAR Nacional. Ele elaborou o material audiovisual “Introdução ao Excel”, aplicado em aulas do curso “Inclusão digital”, do SENAR-PR, que ministra na região de Guarapuava, Centro-Sul do Paraná. Nesta edição do concurso, 64 profissionais de 16 administrações regionais do SENAR participaram da seleção.

Há sete anos prestando serviços ao SENAR-PR, Guimarães produziu o vídeo como forma de potencializar a capacidade de aprendizado dos alunos. De forma didática, o instrutor vai ilustrando a sua

explicação com imagens da tela do programa abordado. Na avaliação do profissional, o material audiovisual contribuiu para que os participantes tivessem uma compreensão global das potencialidades do Excel, fazendo-os aproveitar o curso de forma mais efetiva.

“Por trás do vídeo, tem todo um suporte, a pesquisa do instrutor, as imagens. Isso auxilia muito a didática. Eu já ministrei esse curso de formas diferentes: ou abordando o conteúdo em sala de aula, ou exibindo o vídeo. Quando passei o vídeo, a absorção do conteúdo por parte dos alunos foi maior”, disse Guimarães. “O vídeo atinge muito bem o objetivo de apresentar o programa”, comentou o instrutor, que também ministra o curso “Sol Rural”.

Na edição 2020, Guimarães tinha sido um dos ganhadores do prêmio. Na ocasião, o instrutor tinha preparado um vídeo sobre os componentes básicos de um computador, também para o curso “Inclusão digital”. Ele começou a produzir materiais audiovisuais pelas necessidades impostas pela pandemia do novo coronavírus. Para entender os detalhes da produção de conteúdo, Guimarães arregaçou as mangas e fez cursos. A nova demanda, no entanto, revelou que esse tipo de produto traz consigo potencialidades didáticas que, desde então, o instrutor tem explorado.

“No ano passado, foi tudo mais complicado, porque era novidade. Estudei para aprender a editar, a fazer roteiro. Foi um aprendizado. Neste ano, fiz mais um curso relacionado à produção de vídeos”, disse Guimarães. “Também é importante ressaltar a bagagem que o SENAR-PR dá, no quesito de instrutoria em si. Nos vídeos, eu aplico o que o SENAR-PR prega que tem que ser colocado em sala, como o que ensinar, como ensinar, postura profissional. Eu já vou começar a pensar no próximo [vídeo]”, acrescentou.

“No início da pandemia, no ano passado, o SENAR-PR se adequou e adaptou alguns de seus cursos para o formato remoto. O uso de tecnologias e de recursos audiovisuais é uma tendência a que nossos instrutores têm aderido. Eu aproveito para parabenizar o Marcelo Ferreira Guimarães por, mais uma vez, ter ficado entre os vencedores”, disse o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette.

SENAR-PR amplia acervo da Biblioteca Virtual

11 novos títulos estão disponíveis gratuitamente, incluindo materiais com orientações sobre programas e políticas públicas



O Sistema FAEP/SENAR-PR ampliou o acervo da Biblioteca Virtual, espaço hospedado no site da instituição que disponibiliza cartilhas e materiais de orientação a produtores rurais, técnicos e demais públicos do setor agropecuário. Agora, 11 novos títulos estão disponíveis no espaço *online*, nos formatos PDF e *Pageflip*. O acesso às publicações é integralmente gratuito.

Entre os novos títulos, estão disponíveis publicações que orientam o homem do campo em relação a temas específicos – como as cartilhas “Energia solar fotovoltaica”, um guia sobre energias renováveis no setor agropecuário; e “Descomplica Rural”, que detalha o programa do governo do Paraná que agilizou a emissão de licenças ambientais. Também foi compartilhada a “Cartilha Segurança Rural”, que traz dicas e recomendações voltadas a evitar que produtores rurais sejam vítimas de crimes em suas propriedades.

Na seção Pecuárias, foram disponibilizadas três cartilhas: uma sobre os javalis e modos de controle; uma sobre o uso de dejetos suínos como fertilizante orgânico; e uma sobre a Lei de Integração e o funcionamento das Comissões para Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs).

“A ideia foi incrementar a Biblioteca Virtual, concentrando em um único espaço os materiais de cursos e publicações de outra natureza, como conteúdos institucionais, cartilhas sobre programas específicos e outros materiais de orientação. A partir dessa concentração no mesmo local, melhoramos a experiência do nosso usuário”, explica o gerente do Departamento Técnico (Detec) do Sistema FAEP/SENAR-PR, Arthur Piazza Bergamini.

Acervo completo

Lançada em junho, a Biblioteca Virtual soma 69 títulos publicados. Todos os materiais estão catalogados na Biblioteca Nacional e possuem ISBN (*International Standard Book Number*), que, em uma tradução livre, significa Padrão Internacional de Numeração de Livro. Esse sistema internacional padronizado de identificação de livros permite que cada obra tenha um único número de acordo com o título, país, autor, editora e até mesmo edição. Além disso, esse código possibilita que as cartilhas do SENAR-PR sejam identificadas em qualquer lugar do mundo.

A intenção é que, aos poucos, outras cartilhas dos mais de 300 cursos do SENAR-PR também passem a fazer parte do acervo da Biblioteca Virtual. Futuramente, a proposta é incluir os materiais no aplicativo do Sistema FAEP/SENAR-PR, que pode ser baixado gratuitamente na *Apple Store* ou na *Play Store*. “Uma das missões do SENAR-PR é levar desenvolvimento ao setor rural por meio de suas capacitações. A disponibilização desses materiais segue essa lógica, pois são conteúdos qualificados e gratuitos”, ressalta Bergamini.

Os novos títulos

A Biblioteca Virtual está disponível no endereço www.sistemafaep.org.br/biblioteca-virtual. Veja quais são os novos títulos:

- Cartilha “Energia solar fotovoltaica”
- Cartilha “Descomplica Rural”
- “Manejo da cigarrinha e enfezamentos na cultura do milho”
- “Paraná – Onde se produz?”
- “Javali: uma ameaça ao agronegócio paranaense”
- “Nossas conquistas”
- Cartilha “Uso correto de agroquímicos”
- Cartilha “Questões sobre meio ambiente”
- “Dejeto líquido suíno como fertilizante orgânico – método simplificado”
- Cartilha “Segurança rural”
- Cartilha “Lei da integração: contratos e Cadecs”



A educação em festa

Há dois anos – em outubro de 2019 –, a festa de premiação do Concurso Agrinho foi o tema único do Boletim Informativo. Na ocasião, mais de 1,5 mil alunos e professores das redes pública e privada, participaram do grandioso evento, realizado no Expotrade, em Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba. Foi a última vez em que a cerimônia ocorreu de forma tradicional: com centenas de participantes celebrando o sucesso do programa. Desde então, em razão das restrições impostas pela pandemia do novo coronavírus, a premiação vem ocorrendo de forma remota.

Na ocasião, 315 participantes foram premiados – incluindo os seis vencedores da categoria Experiência Pedagógica, em que cada um ganhou um automóvel zero quilômetro. Além disso, a festa contou com a presença de inúmeras autoridades, entre as quais, o governador do Paraná, Carlos Massa Junior; o secretário de Agricultura, Norberto Ortigara; e o prefeito de Curitiba, Rafael Greca; além de deputados, outros secretários de Estado e lideranças do setor agropecuário.

Ao longo daquele ano, as atividades do Agrinho envolveram mais de 800 mil alunos dos níveis fundamental e médio e mais de 50 mil docentes, de todas as regiões do Paraná. A cerimônia também contou com uma apresentação circense – o espetáculo “Encantos do Paraná” –, além de outras atividades lúdicas, como o “Hall das Letras” e o “Piano Mágico”.

Olimpíada Rural 2021 divulga vencedores

No total, 20 alunos de cinco equipes foram premiados em iniciativa do Sistema FAEP/SENAR-PR. Veja quem são os ganhadores



Vencedores levaram prêmios como celulares, smart TVs, entre outros

A Olimpíada Rural 2021 chegou ao fim, no dia 3 de dezembro, com a divulgação das cinco equipes vencedoras desta edição. No total, 20 alunos foram premiados. A competição educacional envolve estudantes que participaram dos programas Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) e Aprendizagem de Adolescentes e Jovens (AAJ), promovidos pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, com o objetivo de estimular o empreendedorismo e a inovação entre jovens do meio rural, além de prepará-los para o mercado de trabalho. A exemplo do ano passado, em razão da pandemia do novo coronavírus, esta edição da Olimpíada Rural transcorreu de forma *online*. No total, 75 alunos divididos em 15 equipes participaram da disputa.

“A Olimpíada Rural ressalta a ênfase do Sistema FAEP/SENAR-PR na formação de jovens, não só preparando para o mercado de trabalho, mas, principalmente, formando cidadãos melhores”, disse o presidente da entidade, Ágide Meneguette.

Como prêmio, os integrantes da equipe campeã ganharam uma medalha e um celular Motorola G9. Os outros premiados receberam uma caixa de som JBL (os segundos colocados), uma *smart TV* LG (terceiros lugares), um *smartwatch* (quartos lugares) e um *headphone* (quintos colocados).

Os vencedores foram definidos por uma banca examinadora formada por técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR, que avaliaram um estudo de caso elaborado por cada equipe. Os alunos se de-

bruçaram sobre situações e problemas reais que ocorrem em uma propriedade rural e propuseram soluções, aplicando os conhecimentos adquiridos ao longo dos programas JAA e AAJ.

“As reuniões entre os alunos e as interações ocorreram todas de forma virtual, com acompanhamento de um supervisor do SENAR-PR. Os estudos de caso foram postados pelas equipes no meio virtual, para que a banca pudesse fazer a avaliação. Ou seja, tudo de forma remota”, disse Regiane Hornung, técnica do Departamento de Planejamento e Controle (DEPC) do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Programas

O programa JAA traz conhecimentos e competências que acompanham os alunos por toda a vida, como comunicação, liderança, trabalho em equipe e cidadania. Na segunda fase, os participantes frequentam módulos específicos, voltados a uma atividade rural: pecuária leiteira, fruticultura, mecanização, agricultura orgânica, olericultura ou cana-de-açúcar.

No AAJ, por sua vez, as aulas são destinadas à prática profissional, aprofundando conhecimentos na atividade escolhida pelo aluno. O programa é dividido em três fases: Núcleo Básico, no qual os jovens desenvolvem competências comportamentais (gestão de pessoas, comunicação, liderança, cidadania, entre outros); Núcleo Específico, em que são abordados os conteúdos voltados à atividade profissional que vão desenvolver; e Prática Profissional, que ocorre nas oficinas das usinas, no caso das empresas do grupo Santa Terezinha.



PREMIADOS

OLIMPIÁDA RURAL 2021

Classificação	Aluno	Cidade	Regional do SENAR	Instrutor
1º	Beatriz Durães Costa	Japurá	Umuarama	Lilian Janke
	Luiz Eduardo de Aquino Machado	Castro	Ponta Grossa	Daiane Maria de Oliveira
	Marco Antonio dos Santos Martins	Luiziana	Campo Mourão	João Carlos Gonçalves
	Maria Isabella Bezerra Toloto	Paraíso do Norte	Mandaguaçu	Marlene F. Calzavara

Classificação	Aluno	Cidade	Regional do SENAR	Instrutor
2ª	Eduardo Correia Prado	Mamborê	Campo Mourão	Lays de M. Rodrigues
	Emanuelly Rodrigues	Castro	Ponta Grossa	Daiane Maria de Oliveira
	Gabriel Soares Alberico	Japurá	Umuarama	Lilian Janke
	Kethina Gabrielle Ferreira Martins	Rondon	Umuarama	Maria Cecilia dos Santos R.
	Vinicius Rodrigues de Castro	Bocaiúva do Sul	Curitiba	Francelize Chiarotti

Classificação	Aluno	Cidade	Regional do SENAR	Instrutor
3º	Eduarda Carreiro Cuceravai	Japurá	Umuarama	Lilian Janke
	Fátima Motelewski	São Mateus do Sul	Irati	Daniele Horszyn P. e Silva
	Lucas Biffe Napoli	Rondon	Umuarama	Maria Cecilia dos Santos R.
	Vinicius Kauan Teixeira	Luiziana	Campo Mourão	João Carlos Gonçalves

Classificação	Aluno	Cidade	Regional do SENAR	Instrutor
4º	Wallison Victor Arruda Mendonça	Luiziana	Campo Mourão	João Carlos Gonçalves
	Maria Eduarda Marin Buzetti	Paraíso do Norte	Mandaguaçu	Marlene Fatima Calzavara
	Levy de Andrade da Silva	Indianópolis	Umuarama	Lilian Janke

Classificação	Aluno	Cidade	Regional do SENAR	Instrutor
5º	Lorraini Espanga Paris	Indianópolis	Umuarama	Lilian Janke
	Maria Vitória de Godoi dos Santos	Faxinal	Campo Mourão	Francieli Cristina Gings
	Milena Zaramello	Tapejara	Umuarama	Heloisa Cristina T. Gavioli
	Vinicius de Moraes do Prado	Castro	Ponta Grossa	Daiane Maria de Oliveira

Inovação e tecnologia no radar das mulheres do agro

Seis representantes do Paraná fazem parte da lista da *Forbes* “100 Mulheres Poderosas do Agro”. Confira o final da série



Se, tradicionalmente, o agronegócio era conhecido por ter baixa participação de mulheres, de uns anos para cá, o cenário mostra uma nova tendência. Segundo levantamento realizado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Esalq/USP, houve aumento de 10,42% em ocupações femininas no mercado de trabalho do setor na comparação entre os segundos semestres de 2021 e 2020.

Neste ano, a revista *Forbes* lançou a lista “100 Mulheres Poderosas do Agro”, reunindo importantes nomes de produtoras, líderes e profissionais do agronegócio que se destacam no setor. Nas edições 1550 e 1552 do Boletim Informativo, contamos as histórias de quatro representantes do Paraná que integram o grupo. No total, seis mulheres do Estado são citadas na lista. Leia a seguir o final desta série.

Mariana Soletti Beckheuser – Paranavaí

Com 41 anos, Mariana Beckheuser é presidente executiva da empresa Beckhauser (com A, diferente do sobrenome, por um erro de cartório), voltada para equipamentos para contenção na pecuária e pioneira no desenvolvimento de soluções

para o manejo racional e bem-estar animal em currais. A marca foi fundada em 1970 em Paranavaí, no Noroeste do Paraná, pelos avós paternos de Mariana. Em 1976, com a separação do casal, sua avó assumiu a Beckhauser por dois anos. A situação financeira não ia bem e o negócio acabou não se sustentando.

Na década de 80, o pai de Mariana, José Carlos, que era ajudante na empresa desde os 15 anos, decidiu reerguer o negócio ao lado da esposa, do irmão e de um antigo funcionário. Aos poucos, as dívidas foram quitadas e uma nova Beckhauser foi fundada. Mariana cresceu acompanhando os pais na empresa. “Eu morava no prédio que depois virou escritório. Minha diversão era acompanhar meu pai em feiras agropecuárias, fazendas, brincar nos equipamentos. Cresci nesse mundo”, compartilha.

Apesar de ter a infância marcada pelo agronegócio, Mariana estava decidida a não trabalhar com o pai – acreditava que deveria seguir seu próprio caminho. Saiu de casa com 15 anos para cursar o Ensino Médio em Maringá, fez intercâmbio de um ano na Alemanha e voltou ao Brasil em 1999 para estudar Relações Públicas em Londrina.

Segundo Mariana, seu pai pedia ajuda na organização de eventos e com o marketing da empresa, e ela começou a participar de algumas tarefas, mas sem compromisso. Trabalhou na Secretaria de Cultura e em uma escola de idiomas até que, em 2005, decidiu voltar a Paranaíba com o objetivo de estruturar o Departamento de Comunicação e Marketing da Beckhauser.

“Eu percebi que o negócio estava crescendo e estava difícil para eles administrarem sozinhos. Meu pai precisava de ajuda, então entendi que eu teria mais espaço para conduzir uma estratégia de negócio saudável”, afirma.

Mariana, então, focou seu trabalho no reposicionamento de marca e no desenvolvimento de novas estratégias de comunicação para a Beckhauser. Em paralelo, começou a entender o processo de gestão da empresa e considerar um planejamento sucessório, pois via que seu pai estava muito solitário na tomada de decisões.

“Buscamos apoio de consultorias para realizar um alinhamento societário, pois havia uma distribuição desigual de cargos e parecia que não falávamos a mesma língua”, conta.

Em 2007, a consultoria com a qual estavam trabalhando se mudou e o trabalho ficou pelo caminho. “Foi difícil reconquistar a confiança do meu pai. Demos um passo para trás”, relembra Mariana. Na tentativa de não perder o que haviam conquistado, Mariana e o irmão, que fazia parte do time comercial, começaram a agir por conta, criando um espaço de conversa entre os sócios.

Em 2011, surgiu a oportunidade de retomar um trabalho mais efetivo de planejamento sucessório com uma consultoria de São Paulo. “Eles trabalham com um olhar mais humanizado, algo que eu queria. A gente se encontrou, pois era um estilo do meu pai, que sempre apostou no desenvolvimento das pessoas”, aponta.

Mariana e o irmão participaram de um programa de formação e, em 2013, o trabalho passou por uma etapa que envolveu todos os sócios, incluindo os filhos. Durante esse processo, no ano seguinte, o irmão de Mariana decidiu que não ficaria na operação. “Eu sempre gostei mais dos bastidores, enquanto meu irmão sempre foi muito falador, tinha o dom da oratória, então era natural que fosse o próximo presidente. Na época foi um baque”, relata.

Com a saída do irmão, Mariana passou por um processo de autoconhecimento e preparação para entender seu papel na empresa. “É uma empresa de valores familiares e que precisava de algo novo. Tínhamos que encontrar o equilíbrio entre o legado e a inovação”, explica Mariana que, em 2014, foi indicada pelo Conselho de Sócios para a vice-presidência executiva em uma espécie de *trainee*, enquanto o pai foi para a presidência do conselho.

Como vice-presidente, Mariana participou de um programa de visitas a empresas com responsabilidade socioambiental. Ali, encontrou o caminho que queria seguir quando saiu da faculdade e percebeu que era possível trabalhar com o que acreditava em gestão de negócio. Em 2018, assumiu a presidência da Beckhauser.

“Eu acredito muito em uma pecuária sustentável, com tecnologia, qualidade e mais produtividade com menos impactos socioambientais. Meu pai carrega a bandeira do bem-estar animal desde os anos 90. Nosso papel é investir em um negócio harmônico e responsável e isso passa por todos os setores da empresa”, assegura.

A Beckhauser mudou o conceito de contenção de bovinos no Brasil, apostando em Bem-Estar Animal e Humano (BEAH). Em 2020, a empresa transferiu seu parque fabril de Paranaíba para Maringá. Segundo a presidente, as inovações foram uma transformação marcante, com um conceito de fábrica enxuta, mais sustentável e com tecnologia de última geração para atender o crescimento da companhia, indo de encontro ao novo modelo de gestão. No mesmo ano, a Beckhauser comemorou 50 anos.

Apesar de conviver em um ambiente ainda majoritariamente ocupado por homens, Mariana acredita que trabalhar com o pai ajudou a eliminar muitos obstáculos do seu caminho. Por outro lado, sentia que tinha algo a provar. “Tive que criar meu reconhecimento pelo meu trabalho e não ser apenas filha do dono. Tinha que ganhar minha própria credibilidade”, diz.

Nesse sentido, Mariana aconselha que as mulheres, principalmente as mais jovens, tenham a iniciativa de marcar presença – algo que ela, apesar do cargo de presidente, não deixou de fazer. “Recentemente entrei para a diretoria do Sindimetal [Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico] de Maringá, que nunca teve uma mulher. Sempre me espelhei em outras mulheres ocupando espaços. Os grupos femininos são muito importantes, pois é um ambiente de troca e de apoio, que nos fortalece e nos encoraja”, conclui.

Mariangela Hungria da Cunha – Londrina

A paixão de Mariangela pela ciência começou na infância. Filha e neta de professoras, aos oito anos, ganhou da avó o livro “Caçadores de Micróbios”, o que considerava o marco inicial de sua trajetória como pesquisadora. Na época, morava em Itapetininga, no interior de São Paulo, onde seus avós sempre viveram. “Minha avó era professora de Ciências, então ela sempre brincava comigo de fazer experiências. Eu gostava muito de mexer com solo e plantas. Ela foi meu principal incentivo”, relata.

No início do ginásio (hoje equivalente ao Ensino Fundamental II), ganhou uma bolsa de estudos em um dos melhores colégios de São Paulo, onde se destacou. Na época, a maioria dos alunos, após a formatura, cursava Medicina – e era isso que esperavam de Mariangela. Ela, no entanto, escolheu a Engenharia Agrônoma. “Quando eu contei minha decisão, foi um escândalo. Na época, existia muito preconceito com quem escolhia essa profissão. Era aquele paradigma de caipira”, relembra.

Mariangela, então, foi contra a corrente e, em 1976, entrou para a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) da Universidade de São Paulo (USP). Na faculdade, sentiu mais preconceito – desta vez, não com sua escolha, mas por ser mulher em um curso dominado por homens. A resposta foi se unir às outras mulheres da turma.

Além do machismo, Mariangela enfrentou outros obstáculos, como a falta de programas de incentivo à iniciação científica, que dificultavam sua dedicação integral à pesquisa. “Eu precisava de dinheiro, então me virava com as monitorias. Aí, para complicar mais, no segundo ano da faculdade, eu engravidei. Tive que começar a trabalhar para sustentar minha filha”, menciona.

Ainda cursando o Ensino Superior, conseguiu um emprego na Biblioteca de Agricultura, onde fazia fichamento de livros e artigos. Apesar do trabalho ser relacionado com o que estudava na faculdade, a verdadeira aspiração de Mariangela era seguir na área de microbiologia. No quarto ano, conseguiu um estágio não remunerado em fixação biológica do nitrogênio – tema que se tornou seu principal objeto de estudo e moldou sua carreira científica.

Em seguida, entrou para o mestrado em Solos e Nutrição de Plantas na Esalq/USP. “Foi um meio para lidar com muitas críticas, porque todos falavam que microbiologia não levava a lugar nenhum”, conta Mariangela. Emendou o doutorado em Ciência do Solo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em 1982. No mesmo ano, ingressou como pesquisadora na Embrapa Agrobiologia, a convite de Johanna Döbereiner, um dos maiores nomes em microbiologia do solo no Brasil.

“Quando comecei, falavam que microbiologia não dava resultado, e hoje é o futuro. Foi se moldando essa visão de sustentabilidade, de que, por exemplo, a própria eficiência dos fertilizantes é aumentada pelos microrganismos nos quais a gente trabalha”, constata a pesquisadora.

No final dos anos 1980, fez seu primeiro pós-doutorado, nos Estados Unidos, onde ficou por três anos. Quando voltou, Mariangela se viu numa situação complicada com as filhas, que não tinham o suporte educacional necessário no município em que moravam. Para ficar mais próxima dos avós, que ainda viviam no interior de São Paulo, em 1991 pediu transferência para a Embrapa Soja, em Londrina.

“Foi muito importante poder conviver com eles com mais frequência. Sem falar que a minha avó tinha muito orgulho da minha profissão, afinal, foi com ela que tudo começou”, reconhece. Contudo, no âmbito profissional, Mariangela foi muito criticada pela escolha que tomou. “Fiquei chateada, mas eu precisava pensar nas minhas filhas. Hoje até que melhorou bastante, mas a mulher ainda é vista como um problema porque tem filho, principalmente quem tem menor qualificação”, acrescenta.

Em Londrina, Mariangela recomeçou seu trabalho na pesquisa científica, angariando recursos para equipamentos e projetos. Em 1997, fez outro pós-doutorado, desta vez na Espanha, onde surgiram oportunidades em várias colaborações na Europa. Por meio da Fundação Bill & Melinda Gates, faz parte da coordenação de um projeto na África, além de pesquisas desenvolvidas em praticamente todos os países da América do Sul e Caribe, além de países da Europa, Austrália, EUA e Canadá.

Atualmente com 63 anos, Mariangela possui um currículo extenso, com diversas premiações nacionais e internacionais. Ela acumula mais de 700 publicações e mais de 30 tecnologias e produtos relacionados ao uso de microrganismos na agricultura, com fixação biológica do nitrogênio e outras bactérias promotoras de crescimento de plantas, sua maior especialidade.

“As mulheres podem ser mães e boas profissionais. Os desafios são grandes, mas nós somos capazes. Essa lista da *Forbes* é mais um passo para destacar o papel das mulheres no agro. Assim como eu, mulheres pesquisadoras foram lembradas, dando valorização para a ciência, algo que precisamos muito no nosso país”, comemora.

Mariangela Hungria é especialista no uso de microrganismos na agricultura e pesquisadora da Embrapa há 39 anos



Projeto avalia combinação de técnicas para o controle da erosão no Centro-Sul

Objetivo da pesquisa é melhorar Plantio Direto contínuo com uso conjunto de outras práticas conservacionistas

O Plantio Direto (PD) é uma das alternativas de manejo mais recomendadas para aumentar a produtividade, conservando e/ou melhorando o ambiente de cultivo. A técnica é eficiente no controle da erosão se comparado ao sistema convencional, em que há remoção da vegetação e revolvimento do solo. Agora, pesquisadores buscam entender se o PD é suficiente para controlar a erosão em diferentes ambientes de produção e situações climáticas.

O estudo é desenvolvido em apoio ao projeto da Rede Mesorregional Centro-Sul da Rede de AgroPesquisa e Formação Aplicada Paraná (Rede AgroParaná), que conta com suporte financeiro do SENAR-PR e da Fundação Araucária. O objetivo deste subprojeto é aprimorar a prática do PD contínuo, sem interrupção para preparo do solo, aliando técnicas de manejo conservacionista, como terraceamento, adubação verde e cultivo em nível.

Para a coleta de dados, foram instaladas três megaparcelas em uma propriedade rural em Guarapuava. Na primeira, foi mantido o manejo já utilizado pelo produtor: Plantio Direto sem terraços, com mecanização morro abaixo – comum em muitas áreas na região –, e sem cultivo no outono (pousio). Na megaparcela dois, houve adoção de mecanização em nível e cultivo de plantas de cobertura no outono. A terceira megaparcela contou com construção de terraços e, portanto, plantio em nível.

“Estamos avaliando fertilidade do solo, nutrição e enraizamento das plantas e produtividade de culturas como soja, milho, trigo e cevada. Vamos examinar como o uso de outras práticas combinadas ao Plantio Direto, como o terraceamento, podem ser eficazes no controle da erosão”, afirma o coordenador da pesquisa, Marcelo Müller. “Queremos mostrar para o produtor que controlar a erosão é controlar a variabilidade da fertilidade do solo, que implica em níveis de produtividade diferentes na mesma área”, complementa.

Durante a pesquisa, são realizadas coleta e análise química de amostras de solo e tecido foliar das plantas nas três megaparcelas. O crescimento radicular das culturas também passa por avaliação, pois está associado às condições do solo e determina a sustentação da parte aérea das plantas e a produtividade. Além disso, na megaparcela dois é analisada a produção de biomassa das plantas cultivadas para cobertura do solo na entressafra, determinando-se a absorção dos nutrientes e seu potencial de reciclagem para culturas comerciais.

Segundo o pesquisador, a expectativa é que, com os dados reunidos, seja possível entender como as mudanças no manejo interferem nos sistemas produtivos, principalmente em relação aos indicadores químicos do solo e das plantas. Dessa forma, será possível de-

finir critérios técnicos para recomendar práticas que possam melhorar a conservação do solo e da água, a sustentabilidade, a produtividade e a rentabilidade dos produtores rurais.

Monitoramento da água

A análise química do material erodido nas megaparcelas durante eventos de chuva também faz parte das etapas da pesquisa. Para isso, é necessário que as precipitações atinjam quantidade mínima para que ocorra escoamento superficial da água. Em conjunto, é realizado o monitoramento da qualidade química da água do córrego da microbacia hidrográfica do entorno das megaparcelas e das lavouras dos demais produtores.

O coordenador da pesquisa explica que os nutrientes perdidos pelas lavouras em escoamento de água e sedimentação do solo representam perdas econômicas para os produtores. “Essas substâncias vão precisar ser repostas com fertilizantes e corretivos, acarretando mais custos para o agricultor. Além disso, o acúmulo de nutrientes disponíveis nos córregos e rios pode causar um processo chamado eutrofização, em que há crescimento exacerbado de algas e redução da quantidade de oxigênio na água, provocando a morte de peixes e outras espécies aquáticas”, aponta Müller.



Como proteger a produção e garantir renda no mundo financeiro

Produtor rural pode usar instrumentais dos mercados futuro e de opções para aproveitar as oscilações das cotações

Por Felipe Aníbal

O produtor rural Gelson Sbardelotto, de 35 anos, precisava quitar algumas parcelas do financiamento de custeio de plantio do grupo agropecuário da família, em Dois Vizinhos, na região Sudoeste do Paraná. Em meados de julho, o preço da soja estava bom, mas como o mercado está aquecido, o agricultor ponderou que a tendência era de que o produto continuasse se valorizando. Ele optou, então, por uma estratégia: vendeu 2 mil sacas no mercado físico, pagou as dívidas e, paralelamente, fez contratos de venda no mercado futuro de soja, que estavam com cotação de US\$ 13,40 por bushel. Em agosto, 20 dias depois, as cotações alcançavam US\$ 13,70 por bushel. Ou seja, a operação permitiu que ele quitasse as parcelas do financiamento (com a venda física) e, ao mesmo tempo, participasse das altas no mercado.

“Já tivemos um lucrinho. Essas operações são um ótimo instrumento para o produtor rural. Se preciso de dinheiro para custeio, vendo [a soja ou o milho] no mercado físico e vou para o mercado futuro”, exemplifica Sbardelotto.

Há dez anos o produtor utiliza dos instrumentais do mercado financeiro para se valer de oscilações de preço: tanto para se proteger de quedas, quanto para aproveitar de altas. Assim como ele, cada vez mais as aplicações em bolsa têm feito parte da rotina de agricultores, como estratégia para garantir renda.

Na prática

Podem parecer um pouco complexo a um primeiro olhar, mas, na prática, o bicho não é tão feio quanto parece. Operando em bolsa (no Brasil, na B3), o mercado futuro corresponde a negociações em que alguém se compromete a comprar ou vender um ativo (uma *commodity*, por exemplo) em uma data posterior, a preço pré-determinado. Os contratos são padronizados pela bolsa (ou seja, cada lote tem um volume específico, por exemplo) e as cotações oscilam conforme a dinâmica do mercado. Nessa modalidade, o produtor não precisa fazer a entrega física do produto: a liquidação é financeira, ou seja,

o investidor paga ou recebe de acordo com as cotações na data do encerramento do contrato.

“O produtor tem que enxergar esse mercado como mais uma ferramenta de gestão da propriedade. Precisa ficar atento aos movimentos de bolsa e ao seu custo de produção. Dessa forma, ele consegue proteger o seu negócio e garantir rentabilidade”, diz Luiz Eliezer Ferreira, do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Como fez Sbardelotto, o produtor pode recorrer ao mercado futuro quando tem elementos para crer que os preços de determinada *commodity* vão subir, valendo-se das altas das cotações. Por outro lado, o agropecuarista também pode usar esse instrumento para se proteger de quedas, fazendo contratos de venda futura, por um preço que cubra seus custos de produção e lhe garanta certa margem – fazendo o chamado *hedge*.

Ainda parece difícil? Vamos a um exemplo. Imagine um produtor de milho que, na época do plantio, tem custo de produção de R\$ 64 por saca. Para garantir renda, ele vai à bolsa e faz contrato de compra de milho para dali a seis meses, a R\$ 85 por saca. Se na data de liquidação do contrato a cotação estiver abaixo deste valor – a R\$ 80, por exemplo –, ele se protegeu da queda, travando posição em R\$ 85. Se o mercado subir, no entanto, ele não participa da variação positiva. Na prática, a estratégia funciona como uma espécie de seguro de queda. “Como a liquidação do contrato é financeira, o produtor pega esse dinheiro na mão e vende sua produção no mercado físico”, observa Ferreira.

Cotações

Para ficar de olho no mercado, o produtor pode acompanhar o sobe e desce das *commodities* em tempo real no site da B3 (www.b3.com.br). Desde agosto, o Sistema FAEP/SENAR-PR disponibiliza as cotações em seu site e em seu aplicativo. A variação dos preços aferida ao fim de cada pregão, seja de crédito ou de débito, devem ser liquidadas diariamente – o chamado ajuste diário. Dessa forma, para operar na bolsa, o investidor deve abrir uma conta com o equivalente a 30% do valor integral do contrato. Assim, se o ativo que ele detém tiver valorização naquele dia, o dinheiro entra na conta. Se a ação se desvalorizar, esse fundo é usado para cobrir a diferença.

Outro ponto é que, como os contratos são padronizados, partem de volumes pré-definidos. No caso do milho e da soja, por exemplo, cada contrato – ou lote – corresponde a 450 sacas de 60 quilos. Para o café, cada contrato equivale a 100 sacas de 60 quilos, e para o açúcar, 508 sacas de 50 quilos. Já o boi gordo tem cada contrato fixado em 330 arrobas. Apesar de serem volumes consideráveis, esses pontos de partida permitem que mesmo produtores médios ou ainda de pequeno porte possam utilizar esses instrumentais como estratégia de negócio.

Sbardelotto, mesmo, começou aos poucos, até para entender os mecanismos das aplicações. Ele ressaltava que o produtor que recorrer ao mercado futuro deve estar sempre ligado às movimentações das cotações, mas que a prática pode muito bem ser conciliada com as atividades de gestão

da propriedade. “Quando comecei, eu assisti a uma palestra e fiquei interessado. Comecei movimentando pouco: um lotinho, dois lotinhos. Depois, conforme fui entendendo, ganhando confiança e aumentando as operações”, relembra o produtor. “Falando, parece difícil. Mas na prática o produtor vê que não é um bicho de sete cabeças”, acrescenta.



*“Falando, parece difícil.
Mas na prática o produtor
vê que não é um bicho de
sete cabeças”*

Gelson Sbardelotto, produtor em Dois Vizinhos, que já opera no mercado futuro

Entenda os principais mecanismos

O mercado financeiro oferece diversas possibilidades para que o produtor possa atuar de forma a se precaver ante a oscilações de preços, garantindo renda. Veja os conceitos básicos do mercado futuro e do mercado de opções

Mercado futuro

Os contratos negociados no mercado futuro estabelecem uma **obrigatoriedade** de comprar ou vender certa quantidade de um ativo a um preço pré-estabelecido, com liquidação em data futura. Todos os contratos são **padronizados** e operacionalizados em bolsa (no caso do Brasil, na B3).

Exemplo:



A saca de milho está em **R\$ 100** no mercado físico.



Um agricultor quer **garantir** que vai obter esse preço em janeiro de 2022, quando ele for colher a safra.



Ele emite **contratos de venda** para janeiro de 2022, a R\$ 100 – valor que ele vai receber quando o contrato for liquidado.



Se o preço cair, ele se protegeu da queda – ou seja, faz o chamado **hedge**. Mas se o preço subir, ele não participa da alta.

Características:



CAFÉ

Volume do contrato: 100 sacas;
Cotação: US\$/saca



BOI GORDO:

Volume do contrato: 330 arrobas;
Cotação: R\$/arroba



SOJA

Volume do contrato: 450 sacas;
Cotação: US\$/bushel



MILHO

Volume do contrato: 450 sacas;
Cotação: R\$/saca



AÇÚCAR

Volume do contrato: 508 sacas;
Cotação: R\$/saca



ETANOL

Volume do contrato: 30 mil litros;
Cotação: R\$/m³



LIQUIDAÇÃO FINANCEIRA

O produtor não precisa fazer entrega física do produto

Mercado de opções

O investidor compra o **direito de comprar ou de vender** suas ações no futuro, pelo mesmo preço inscrito no mercado no momento da aquisição. Modalidades:



É o direito de compra

O investidor que adquire uma *call* tem o **direito de comprar** determinada ação pelo preço de contrato inscrito no momento da aquisição. Assim, até o prazo de vencimento do contrato, ele pode exercer a compra pelo preço previsto, se protegendo de altas.

É o direito de venda

Dá ao proprietário a **opção de vender** suas ações pelo preço estipulado durante a assinatura do contrato. Assim, o detentor da *put* pode vender seus papéis, ainda que eles se desvalorizem, se protegendo de quedas.

Características:



PRODUTOS NEGOCIADOS

Quaisquer. Negociados em bolsa ou em balcão



AQUISIÇÃO

Quem compra a opção (*call* ou *put*) paga um prêmio ao lançador dos papéis



CONTRATOS NÃO PADRONIZADOS

Negociantes estabelecem os parâmetros (volume e preço)



LIQUIDAÇÃO FINANCEIRA

O produtor não precisa fazer entrega física do produto

Negócio bilionário

Veja quanto a B3 movimentou na negociação de *commodities* no mercado futuro e de opções, no primeiro semestre de 2021



CONTRATOS NEGOCIADOS

2,8 milhões



VOLUME FINANCEIRO

R\$ 26,7 bilhões
US\$ 5,2 bilhões

Mercado de opções

Outra alternativa que pode ser usada pelo produtor tanto para proteção quanto para garantir renda é o mercado de opções. Nessa modalidade, o investidor compra uma espécie de título que lhe dá o direito de comprar ou de vender determinado ativo no futuro, a um preço pré-determinado.

Por exemplo, se o produtor rural quer garantir que vai vender seu milho a R\$ 99 a saca em janeiro de 2022, ele adquire uma *put* (direito de venda) estabelecendo esse preço. Quando chegar o vencimento do contrato, ele garante esse valor, ainda que a cotação caia abaixo desse patamar. Vale ressaltar que é uma opção, não uma obrigação. Assim, se a saca de milho estiver acima dos R\$ 99, ele não precisa exercer o direito de venda pelo preço pré-determinado.

Por outro lado, se um pecuarista, por exemplo, quiser se proteger de altas no preço do milho, ele pode fazer uma *call* (direito de compra).

Vamos a um caso prático: para manter seu custo de produção em um nível razoável, um bovinocultor precisa adquirir a saca milho a R\$ 92, em janeiro de 2022. Ele estabelece esse valor no contrato da *call*. No vencimento, ele tem o direito de comprar o produto a esse preço, ainda que as cotações no mercado físico estejam mais elevadas.

Assim como no mercado futuro, as opções não envolvem entrega física de mercadoria. Ou seja, os contratos são liquidados financeiramente. Além disso, o mercado de opções oferece tanto a possibilidade de investimento em bolsa (com contratos padronizados), quanto em negociações de balcão (sem padronização).

Mercado em expansão exige conhecimento prévio

Para que o produtor rural comece a lançar mão desses instrumentais, o ideal é procurar uma corretora especializada. E na visão de quem atua nessas modalidades de operação financeiras, cada vez mais os mercados futuro e de opções têm sido usados por agropecuaristas como forma de ampliar rendimentos e/ou se precaver de oscilações. Analista de mercado e sócio da Granoeste Investimentos, Robson Polotto atribui o aumento da procura à maior difusão de informações, às perspectivas positivas em que essas aplicações implicam e à mudança gradativa do perfil dos produtores rurais, que estão cada vez mais afinados às novas tecnologias.

“É um mercado que tem crescido ano a ano. Hoje, o agricultor e o pecuarista estão mais tecnificados, usando as informações a seu favor. Com o celular na mão, têm acesso a esse mercado. E quando o produtor entende, ele percebe que pode aproveitar a correlação entre a bolsa e o mercado físico e usar isso a seu favor”, diz Polotto.

Hoje, a Granoeste tem como clientes produtores rurais do Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Santa Catarina. Segundo Polotto, as estratégias de operação são traçadas de forma conjunta, entre o cliente e a agência. “Na maioria dos casos, o cliente já sabe o que precisa: quer se proteger contra baixas ou contra altas. A gente senta com eles e monta uma estratégia. Aí, ele só precisa ter uma conta em um banco oficial”, conta.

Polotto ressalta que o mercado é acessível não só a grandes produtores, mas a agropecuaristas que conduzem propriedades de pequeno ou médio porte. Mesmo com os preços dos grãos e da arroba nas alturas, o especialista destaca que é imprescindível que o homem do campo fique de olho no vai e vem das cotações. “Quem

acha que não precisa fazer nada porque o mercado está bom, pode se surpreender. O agropecuarista tem que usar as ferramentas para garantir um preço mínimo, para garantir seus custos e continuar produzindo com sustentabilidade financeira. Aumentar seus lucros não faz mal para ninguém”, afirma.

Luiz Eliezer Ferreira, do DTE do Sistema FAEP/SENAR-PR, no entanto, destaca que o produtor deve procurar conhecer bem os mecanismos do mercado, antes de começar a operar. Ele recomenda que o investidor comece aplicando volumes pequenos, com cautela, para aprender os meandros de cada modalidade. “São instrumentos muito interessantes, mas que não admite aventureiros. Antes de entrar, o produtor deve buscar informações, conversar com um corretor especializado. Como todo produto financeiro, tem um risco”, orientou.

“Antes de entrar, o produtor deve buscar informações, conversar com um corretor especializado”

**Luiz Ferreira,
DTE do Sistema FAEP/SENAR-PR**

Sindicato abre as portas do conhecimento para jovem do Norte do Estado

Estudante de agronomia teve o primeiro contato com os cursos do SENAR-PR e pôde aplicar técnicas nas lavouras da família



Muitas vezes, o produtor rural desconhece as oportunidades que se abrem quando ele entra no sindicato rural. Além da representatividade, as entidades proporcionam acesso aos cursos gratuitos do SENAR-PR. Foi o caso de **José Flavio Firmani**, aluno do curso de Agronomia na Universidade Estadual de Londrina (UEL) que, com apenas 20 anos, já tem diversos cursos no currículo. Na última safra de verão, ele fez as capacitações “Manejo Integrado de Pragas (MIP) – inspetor de campo Soja” e “Manejo Integrado de Pragas (MIP) – Milho”.

O convite partiu do Sindicato Rural de Alvorada do Sul e transformou a maneira do estudante ver as lavouras. “Eu conhecia os princípios [do MIP], mas não tinha visto na faculdade. O curso mudou minha visão da agronomia. Principalmente ganhei segurança para identificar os insetos e cruzar com o estágio em que a lavoura se encontra para saber qual decisão tomar”, afirma.

Vale lembrar que o MIP ensina que os inimigos das pragas que causam dano econômico à produção estão presentes na própria lavoura. Ou seja, insetos, aracnídeos e outros organismos combatem as pragas que prejudicam o desempenho das plantas. Ao monitorar corretamente a lavoura, o produtor pode tomar decisões em relação à aplicação de agroquímicos de forma embasada, de acordo com a realidade da plantação.

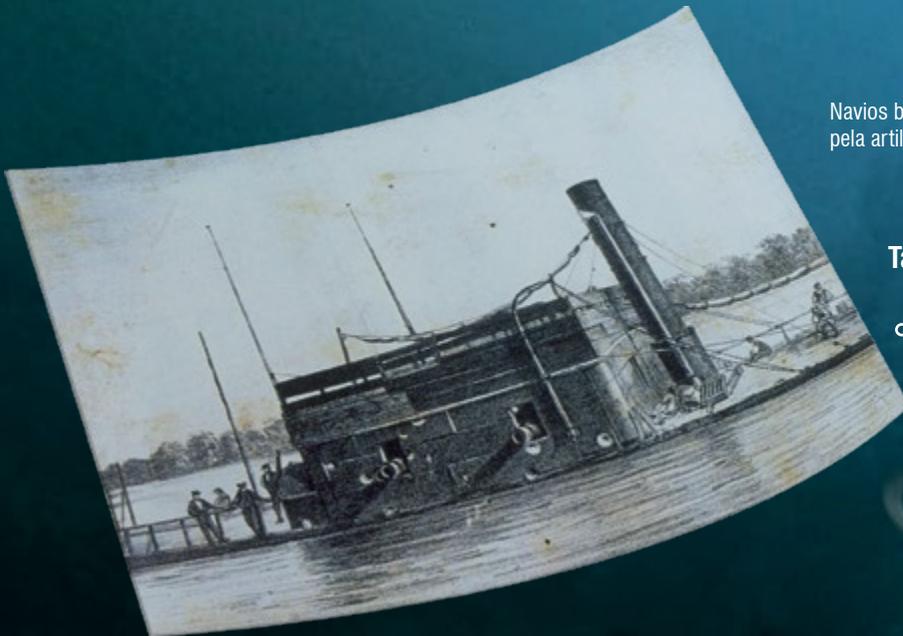
Segundo a técnica do Departamento Técnico (Detec) do Sistema FAEP/SENAR-PR e responsável pelos cursos de MIP, Flaviane Medeiros, as áreas conduzidas com MIP são monitoradas. De acordo com este acompanhamento, na safra 2019/20 as lavouras conduzidas com MIP fizeram, em média, 1,4 aplicação, enquanto que nas demais a média foi de quatro aplicações. “Além de ter uma lavoura mais equilibrada e mais saudável, com o MIP o produtor tem economia no custo de produção. Essa diferença vem se comprovando ano após ano com um número menor de aplicações nas áreas conduzidas com essa técnica”, avalia Flaviane.

No talhão conduzido pelo jovem Firmani, essa história se repetiu. “No ano passado, quando fiz o curso, economizamos duas aplicações. Na área conduzida com o MIP só uma aplicação, enquanto no restante, três”, afirma.

Por enquanto, o MIP ficou restrito à área utilizada no curso (cinco hectares). Mas com os bons resultados obtidos, a ideia de Firmani é sensibilizar a família para adotar a técnica de manejo no restante da lavoura. “Por enquanto só dou pitaco nas decisões. Minha família é bem aberta, mas gosta de primeiro ver o resultado para depois adotar”, esclarece o jovem, que depois dos cursos de MIP, voltou ao sindicato para fazer outras formações do SENAR-PR.

A FORTALEZA DE HUMAITÁ

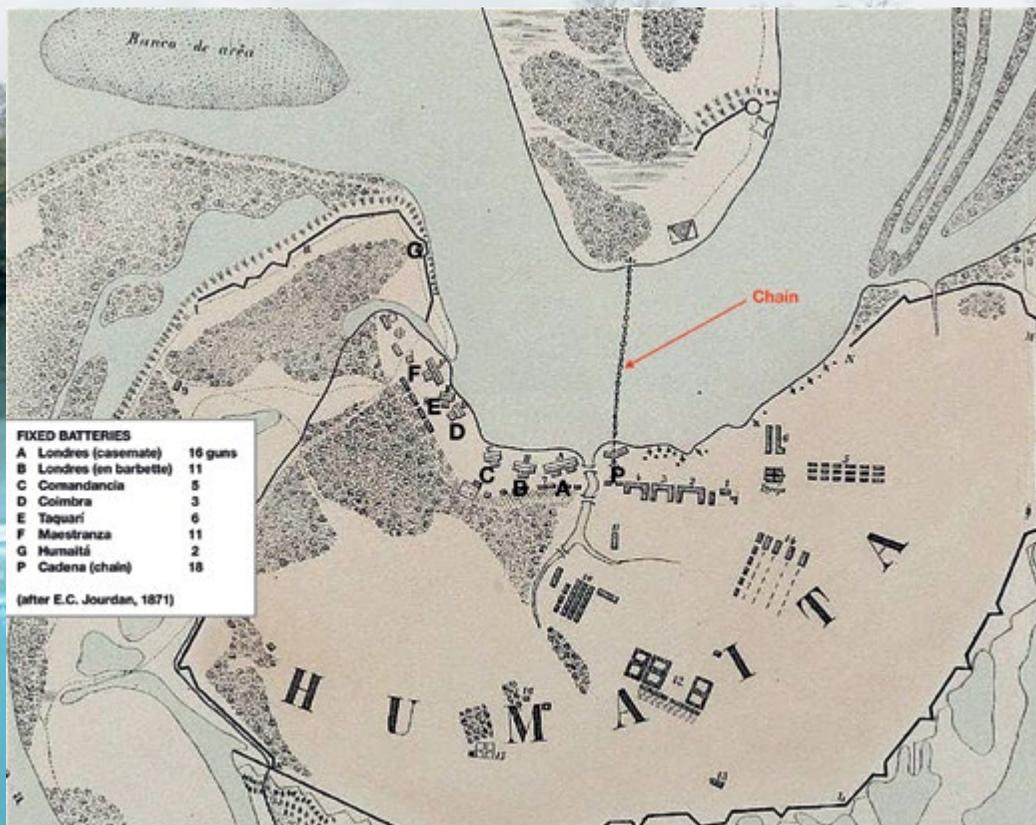
Fortificação no Rio Paraguai foi o grande trunfo de guerra de Solano Lopez e um dos maiores trabalhos da engenharia bélica mundial




Brasil

Navios brasileiros avariados pela artilharia paraguaia

Tamandaré



Uma fortaleza considerada inexpugnável, construída em um ponto estratégico do Rio Paraguai de modo a garantir controle do acesso à capital Assunção pela via fluvial. Esse foi o palco de uma das batalhas mais épicas da Guerra do Paraguai, e um dos feitos mais notáveis da Marinha Brasileira até hoje.

A chamada “Passagem de Humaitá” ficou marcada para sempre nos livros de História e deu a dimensão da magnitude da fortificação. Sua tomada marcou o início da derrocada do presidente paraguaio Solano Lopez e consequentemente do conflito armado que sangrava a América do Sul.

Instalada em um penhasco a dez metros acima do nível da água, em uma curva acentuada do Rio Paraguai na forma de uma ferradura, a Fortaleza de Humaitá surpreendia qualquer força invasora que tentasse um ataque fluvial com oito baterias que somavam mais de 80 canhões de diferentes calibres. O ângulo fechado na reentrada da curva fazia das embarcações uma presa fácil para a artilharia paraguaia. Se por um lado os países da Tríplice Aliança

(Brasil, Argentina e Uruguai) contava com encouraçados e monitores (outro tipo de navio blindado) que poderiam suportar o fogo cerrado, por outro, este tipo de embarcação, por ser muito pesada, encontrava grande dificuldade em navegar pelas águas rasas do Rio Paraguai. Desta forma, as incursões militares só podiam ser feitas em época de cheia.

Antes mesmo de chegar ao ponto onde estava a fortaleza, as embarcações inimigas teriam que enfrentar outras baterias de artilharia posicionadas na margem esquerda do rio, principalmente nas regiões de Curuzú e Curupaty. Soma-se a isso os “torpedos” lançados na correnteza do rio, semelhantes a minas de contato, que explodiam ao encontrar obstáculos. Estes artefatos conseguiram afundar o couraçado brasileiro Rio de Janeiro, matando 155 homens.

Outra estratégia utilizada pelos paraguaios foi a utilização de pesadas correntes para frear a navegação inimiga sob o fogo das baterias de Humaitá. Como um navio a vapor poderia romper facilmente uma corrente, foram colocadas três de-

las, sendo a mais pesada com elos de 20 centímetros de espessura.

Por via terrestre, a fortaleza de Humaitá era igualmente intransponível. Boa parte do terreno era tomado por pântanos e terrenos alagados. Em uma área do lado sudoeste da fortificação, em Curupaity, havia um terreno mais acessível que poderia ser usado em uma invasão. Desta forma Lopes instalou um sistema de trincheiras que se estendia por 13 quilômetros.

Após uma série de operações, em 19 de fevereiro de 1868, seis blindados da Marinha Imperial Brasileira conseguiram ultrapassar Humaitá pelo rio, interrompendo sua rota de suprimentos. Sem alimentos nem munição, a fortaleza foi finalmente capturada no dia 5 de agosto de 1868, após um cerco que durou meses.

Sua derrocada final se deu nos termos do Tratado da Tríplice Aliança, entre a Argentina, o Brasil e o Uruguai, que entre outras medidas, previa a destruição definitiva da Fortaleza de Humaitá, proibindo a construção de qualquer outro tipo de fortificação de igual poder bélico no curso do Rio Paraguai.



Antigos aviários turbinam suinocultura de Pirai do Sul

Município dos Campos Gerais tem visto a produção de suínos crescer com o auxílio da adaptação das antigas estruturas, originalmente voltadas para aves

Historicamente, Pirai do Sul, nos Campos Gerais, tem no frango um dos seus principais carros-chefes. Em 2009, ano do maior rebanho nas últimas duas décadas, o município chegou a ter 12,4 milhões de aves. Depois disso, a atividade foi reduzindo de tamanho e, nos últimos quatro anos, apresenta uma condição estável, perto das 4 milhões de cabeças. O resultado dessa mudança de perfil nas atividades pecuárias locais trouxe um problema. O que fazer com os aviários que passaram a ser construções vazias?

Luiz Fernando Tonon, 57 anos, abandonou a avicultura e requalificou a antiga granja. Avicultor desde os anos 1990, na última década as empresas integradoras começaram a fazer exigências de reformas que estavam tornando inviável a atividade. Então, Tonon desativou os dois barracões

destinados à criação de frango e resolveu apostar, em um deles, nos suínos. Hoje, o lugar que alojava frangos recebe 900 cabeças de suínos por lote. “Fiz adequações no antigo aviário e trabalhei por um tempo com a integradora Schoeller. De um tempo para cá, por uma mudança na minha estratégia, estou entregando para a cooperativa Capal”, conta Tonon.

Esse movimento de adaptar granjas de frango para a produção de suínos é um dos fatores que explica a expansão da cadeia produtiva do porco em Pirai do Sul. Em 2017, com uma conjuntura extremamente desfavorável, o rebanho do município despencou para 90,3 mil cabeças – pior nível desde 2002. Mas em 2018 e 2019, os números foram melhorando até que, em 2020, o município passou a deter o maior rebanho de suínos da sua histó-

ria: 198,2 mil cabeças, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em termos de Valor Bruto de Produção (VBP) Agropecuário, a suinocultura de Pirai do Sul movimentou, em 2020, R\$ 275,6 milhões. A maior parcela fica com os suínos para corte (R\$ 178,28 milhões), seguido por leitões para recria (R\$ 47,9 milhões), fêmeas para reprodução (R\$ 43,8 milhões), machos para reprodução (R\$ 4,6 milhões) e leitões para corte (R\$ 900 mil). A cadeia como um todo movimentou mais recursos do que a avicultura, que no mesmo período gerou VBP Agropecuário de R\$ 176,1 milhões, de acordo com informações do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab).



Especialista em adaptação

No município, há produtor que passou por duas adaptações produtivas nos seus barracões nas últimas décadas. **Reinholdo Ruvinski**, 42 anos, trabalhava em chácaras de terceiros nos anos 1990, aprendendo a cuidar de aves. Tempos depois resolveu, no início dos anos 2000, se aventurar na criação de perus. Só que em 2007, a empresa acabou com o abate desses animais na região. Foi então que ocorreu a primeira adaptação na granja, que passou a ser destinada à criação de frangos. Em 2016, não estava mais valendo a pena para Ruvinski seguir com os frangos pelos mesmos motivos do colega Tonon, e então percebeu que podia fazer uma nova migração.

Hoje, na propriedade de nove hectares é possível tirar o sustento da família tendo na suinocultura o carro-chefe – um total de 1,5 mil animais por lote. O terreno pertence ao pai, Luis Ruvinski, para o qual o produtor paga aluguel para exercer a atividade. “A adaptação para suínos foi relativamente simples. Envolveu a construção de um piso, as divisões e a estrutura para levar água e ração aos animais de forma automatizada. Hoje está compensando, pois dá para tirar um bom salário da atividade”, revela.

Normas técnicas

O uso de barracões antigos de frango adaptados para suínos é algo recorrente em todo o Paraná, mais frequente na região dos Campos Gerais, como aponta Nicolle Wilsek, técnica do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR. “A gente enxerga isso muito na região de Piraí e nas cidades ao redor, pelo fato de a suinocultura estar em movimento de expansão na região, já considerada um polo da cadeia produtiva. Como tem agroindústrias integradoras nas proximidades, é natural que aconteça esse movimento”, revela Nicolle. “Há algumas décadas isso já aconteceu na região de Toledo, que se tornou a maior região produtora do Paraná”, complementa.

Entre os benefícios apontados pela técnica sobre o uso dessas estruturas estão o fato de a atividade continuar na mesma propriedade, dar uma nova finalidade para um local que ficaria ocioso e a economia na construção da instalação. “Vemos que é possível transformar com uma reforma de custo menor. Em relação às questões técnicas, a instalação tem praticamente os mesmos equipamentos para ambiência. Pontos como telhas de barro ou zinco, um barracão alto e boa ventilação são aspectos atendidos sem grandes mudanças”, analisa.



Energia e infraestrutura mantêm avicultura no vermelho

Em todas as praças aferidas pelo levantamento realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, remuneração recebida pelo avicultor não é suficiente para cobrir os custos da atividade

Ao longo de 2021, as exportações paraenses de carne de frango aumentaram e o produto chegou mais caro à gôndola dos supermercados do país. Da porteira dos aviários para dentro, no entanto, esse cenário não foi suficiente para dar um respiro ao avicultor. O levantamento dos custos de produção realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR em oito praças do Estado revela que, em todas, os produtores estão trabalhando no vermelho. É verdade que a remuneração pelo quilo de frango entregue à agroindústria foi reajustada nas localidades. Essa reposição, no entanto, foi insuficiente para cobrir os custos totais da atividade, que subiram a um índice superior.

Embora o cenário seja de déficit generalizado, os dados apurados pelo Sistema FAEP/SENAR-PR indicam duas conjunturas distintas. Algumas das praças, como Cambará (frango *griller*) e Cianorte (frango pesado), conseguiram diminuir o déficit em relação ao levantamento anterior, em maio deste ano. Em outras localidades, como Chopinzinho (*griller*) e Londrina (pesado), o vermelho se aprofundou, tornando ainda mais difícil a conjuntura dos avicultores (veja infográfico na página 26).

“A produção e a exportação aumentaram, mas isso não está se refletindo para os produtores. Ainda que tenha havido aumento de receita, isso não bastou para cobrir os custos de produção”,

resume Mariani Ireni Benites, do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR. “A avicultura tem um perfil de produtores diversificados. De um modo geral, cada um está tentando se equilibrar como pode, cortando onde dá”, acrescenta.

Entre os custos variáveis – que correspondem aos gastos para a produção dos lotes, com insumos básicos –, o destaque negativo foi a energia elétrica. Em um cenário de escassez hídrica, com bandeiras tarifárias mais caras e o fim de subsídios federais, a eletricidade chegou a corresponder a cerca de 20% dos custos de produção. Em alguns exemplos concretos, produtores viram a conta de luz subir mais de 40% em apenas seis meses. Em caso acompanhado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, um avicultor de Londrina gastou 48% mais com energia elétrica, em comparação a maio. Atrelado a esse fator, também houve o aumento do consumo de lenha e pellets, para aquecimento das aves.

Quando se abre as contas, o levantamento também revela que os custos operacionais – que levam em consideração a depreciação e as adequações estruturais que precisam ser feitas periodicamente nos aviários – também aumentaram de forma considerável. Isso porque, em razão da pandemia do novo coronavírus, subiram de forma expressiva os preços de matérias-primas como aço e

componentes eletrônicos. Sem levar esses gastos em consideração, os avicultores podem ver a atividade inviabilizada no médio prazo.

“O que o avicultor recebe tem sido suficiente para cobrir apenas os custos variáveis, relacionados à energia, mão de obra, manutenção, entre outros itens. Mas a remuneração não inclui os custos operacionais, que precisam ser observados. Quando o avicultor tiver que renovar seu ‘pacote tecnológico’ e os barracões ou repor maquinários, ele vai ter dificuldade. Sem a cobertura dos custos operacionais e totais, o produtor não consegue se manter na atividade”, diz Luiz Eliezer Ferreira, do DTE do Sistema FAEP/SENAR-PR.

O presidente da Comissão Técnica de Avicultura da FAEP, Diener Gonçalves Santana, ressalta que a equação se tornou mais complicada para os produtores graças a uma variável que ganhou evidência no último semestre: a inflação galopante. Em razão disso, ele prevê que os próximos meses continuem sendo de dificuldades para os avicultores. “Além da alta dos custos de produção, os reajustes que ocorreram no período foram comidos pela inflação. Os preços estão só subindo e o que o avicultor recebe não dá conta de cobrir os gastos. Estamos no vermelho e, nessa conjuntura de inflação, não vemos horizontes positivos”, avalia.



Abrangência

Veja onde o levantamento foi feito:

Campos Gerais; Cambará (Norte Pioneiro);
Cascavel (Oeste); Chopinzinho (Sudoeste);
Toledo (Oeste); Cianorte (Noroeste);
Londrina (Norte) e Paranaíba (Noroeste)



**CONFIRA O
LEVANTAMENTO DE
CUSTOS COMPLETO**

É fácil!

• Para consultar as planilhas completas do levantamento dos custos de produção da avicultura da FAEP, acesse o site sistemafaep.org.br ou no QR Code ao lado.



Vermelho generalizado

Em Paranavaí, que pela primeira vez participa do levantamento, a agroindústria reajustou em 13% o valor pago aos avicultores por quilo de frango entregue. Os produtores, no entanto, sofreram com o peso de insumos básicos. O avicultor Carlos Eduardo Maia destaca o peso da energia e do aquecimento dos aviários (com lenha e/ou pellets). Segundo os dados compilados pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, os gastos com eletricidade corresponderam a 29,7% dos custos variáveis, enquanto os gastos com lenha e/ou pellets representaram 9,7%.

“A gente teve um custo elevadíssimo em energia e em lenha, que engoliram os reajustes da bonificação. Em menos de seis meses, a lenha dobrou de preço na região”, destaca Maia. “Já temos uma reunião marcada para janeiro com a agroindústria. Vamos levar essas in-

formações e comparar com o levantamento da empresa, para chegarmos a um denominador comum. Sabemos que os custos também não estão fáceis para a integradora, mas temos que caminhar juntos”, acrescenta.

Em Toledo, além da energia, os produtores ressaltam a alta aguda de equipamentos e itens da construção civil, que encarecem os investimentos em infraestrutura e/ou reformas e adequações. O presidente da Associação dos Avicultores do Oeste do Paraná (Aviopar), Edeníson Carlos Copini, no entanto, vê alguns pontos positivos, entre os quais o fato de a agroindústria não ter interrompido os abates ao longo da pandemia e do diálogo aberto, o que pode ajudar a construir consenso adiante.

“Tivemos reajuste de 10%, em contrapartida os itens de infraestrutura subiram muito. As agroindústrias não têm conseguido repassar esses valores em cima da infraestrutura. Outro desafio é o aque-

cimento das aves. Usamos pellets de pinus, produto que praticamente dobrou de preço em três anos. Estamos com dificuldades para pagar isso”, observa. “Temos que ganhar acima de R\$ 1,20 por frango. Quem ficar abaixo de R\$ 1 [por ave] vai estar tirando dinheiro do bolso e se descapitalizando”, diz.

As condições são ainda mais severas para produtores com financiamento em aberto. Segundo o avicultor Ilseu Peretti, de Chopinzinho, esse é o caso de inúmeros produtores da região. “Em termos de remuneração, tivemos uma melhora de 2%. Isso foi insuficiente, principalmente para quem tem granjas financiadas. Tenho vizinhos que estão em desespero, prorrogando parcelas com juros abusivos e com o risco de perder as terras que deram como garantia. O avicultor só se mantém por persistência e com mão de obra familiar. Mas muitas famílias já estão descapitalizadas e com dificuldades na sucessão”, aponta.

Quanto custa produzir aves no Paraná

Durante o trabalho foram levantados dados nas seguintes localidades e tipos de aviários*





Conceitos

Antes de ir aos resultados, é preciso entender algumas definições



CUSTO VARIÁVEL

É o valor que o avicultor precisa ter à disposição para produzir um lote de frangos e para garantir sua manutenção na atividade no curto prazo. São os gastos com mão de obra, energia elétrica, lenha, cama, manutenção, seguro das instalações, combustível, entre outros.

Fonte: Sistema FAEP/SENAR-PR



CUSTO OPERACIONAL

É o custo variável somado à depreciação de instalações e equipamentos. A depreciação corresponde a perda de valor do aviário ao longo de sua vida útil. O avicultor não desembolsa este valor a cada lote, mas essa reserva é necessária para que ele possa substituir seus ativos e permanecer na atividade no longo prazo.



CUSTO TOTAL

É o custo operacional somado à remuneração sobre o capital. O índice serve de parâmetro para calcular o dinheiro investido e desembolsado pelo avicultor a cada lote, caso fosse aplicado na caderneta de poupança (rendimento 6% ao ano).



Evolução dos custos e receitas entre maio e novembro de 2021

Frango *griller* (R\$ por cabeça)

MUNICÍPIOS	CAMPOS GERAIS		CAMBARÁ		CHOPINZINHO	
Tamanho (metros)	150x16		165x18		100x12	
Período de comparação	Mai 2021	Nov 2021	Mai 2021	Nov 2021	Mai 2021	Nov 2021
Lotes/ano	8,22	8,30	7,13	7,45	7,83	7,05
DESPESAS						
Custo Variável	R\$ 0,32	R\$ 0,34	R\$ 0,37	R\$ 0,45	R\$ 0,47	R\$ 0,51
Custo Operacional	R\$ 0,57	R\$ 0,60	R\$ 0,59	R\$ 0,67	R\$ 0,73	R\$ 0,84
Custo Total	R\$ 0,70	R\$ 0,74	R\$ 0,71	R\$ 0,78	R\$ 0,87	R\$ 1,03
RECEITAS						
Receita Total	R\$ 0,43	R\$ 0,44	R\$ 0,54	R\$ 0,67	R\$ 0,51	R\$ 0,54
RESULTADOS						
Saldo sobre custo total	-R\$ 0,27	-R\$ 0,30	-R\$ 0,17	-R\$ 0,11	-R\$ 0,36	-R\$ 0,49

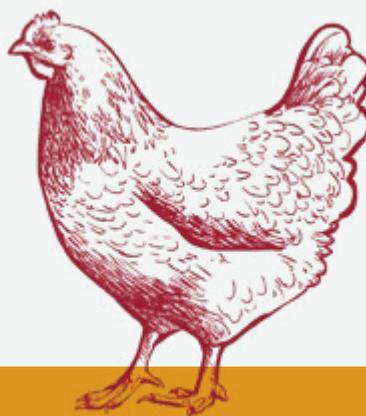
Frango pesado (R\$ por cabeça)

MUNICÍPIOS	CHOPINZINHO		TOLEDO		CIANORTE		LONDRINA	
Tamanho (metros)	150x24		150x16		150x16		165x18	
Período de comparação	Mai 2021	Nov 2021	Mai 2021	Nov 2021	Mai 2021	Nov 2021	Mai 2021	Nov 2021
Lotes/ano	6,24	6,28	6,58	6,48	5,46	5,56	5,96	5,95
DESPESAS								
Custo Variável	R\$ 0,58	R\$ 0,70	R\$ 0,57	R\$ 0,58	R\$ 0,78	R\$ 0,73	R\$ 0,67	R\$ 0,77
Custo Operacional	R\$ 0,98	R\$ 1,16	R\$ 0,94	R\$ 0,98	R\$ 1,35	R\$ 1,21	R\$ 1,07	R\$ 1,24
Custo Total	R\$ 1,19	R\$ 1,42	R\$ 1,15	R\$ 1,20	R\$ 1,66	R\$ 1,48	R\$ 1,28	R\$ 1,48
RECEITAS								
Receita Total	R\$ 0,85	R\$ 0,97	R\$ 0,93	R\$ 1,00	R\$ 1,21	R\$ 1,29	R\$ 1,24	R\$ 1,18
RESULTADOS								
Saldo sobre custo total	-R\$ 0,34	-R\$ 0,45	-R\$ 0,22	-R\$ 0,19	-R\$ 0,45	-R\$ 0,19	-R\$ 0,04	-R\$ 0,30

Fonte e infografia: Sistema FAEP/SENAR-PR

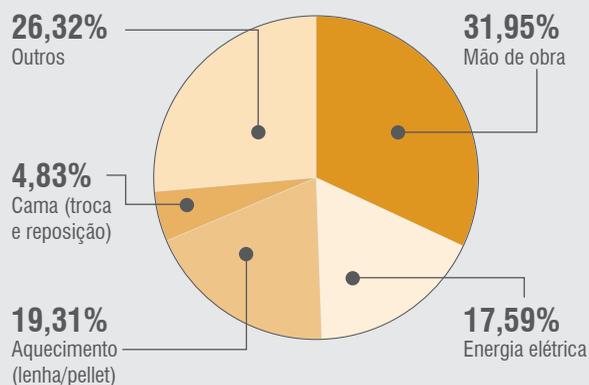
Composição dos custos variáveis

Confira os itens que mais pesam no bolso do produtor

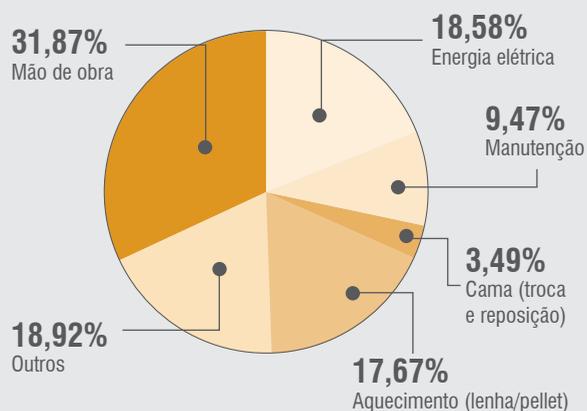


CAMBARÁ - AVIÁRIO DE 150X16M | GRILLER

Maio 2021

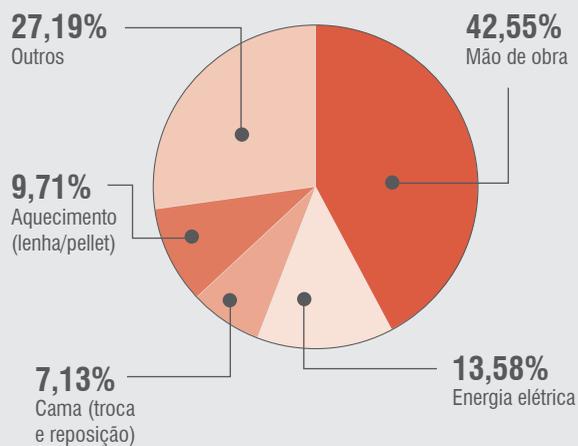


Novembro 2021

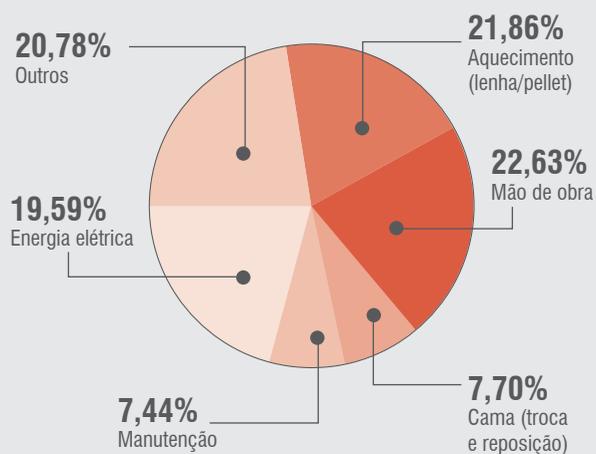


CHOPINZINHO - AVIÁRIO DE 140X14M | PESADO

Maio 2021



Novembro 2021



Energia renovável pode garantir sustentabilidade financeira

O aumento do peso da energia elétrica na avicultura tem evidenciado uma saída a que, cada vez mais, produtores têm aderido: a geração própria a partir de fontes renováveis, principalmente a solar. Recentemente, o Sistema FAEP/SENAR-PR divulgou estudos técnicos que demonstram a viabilidade financeira do investimento em usinas fotovoltaicas e de biogás. Com a previsão do fim da Tarifa Rural Noturna (TRN) – programa que concede descontos à energia consumida no campo durante a noite e a madrugada – para dezembro de 2022, a aposta em energias renováveis deve ser determinante para a sustentabilidade financeira de atividades como a avicultura.

“De um lado temos bandeiras tarifárias que encarecem a conta de luz. De outro, temos o fim de subsídios federais e estaduais. Então, a adoção da energia renovável deixou de ser uma alternativa, para se tornar uma realidade”, observa Luiz Eliezer Ferreira, do DTE. “Temos novas legislações que trouxeram segurança jurídica a esses investimentos. São projetos que se pagam em poucos anos e, após esse período, podem garantir renda ao produtor”, destaca.

Não faltam exemplos que ilustrem o que Ferreira diz. Nos últimos seis meses, a conta de luz do avicultor **Carlos Eduardo Maia** aumentou mais de 40%, por causa de bandeiras tarifárias atreladas à escassez hídrica. De olho nos custos de produção, o produtor já

vinha se estruturando para investir em energia renovável. Ele vai aportar R\$ 3 milhões – financiados pelo BNDES – em painéis fotovoltaicos, que produzirão toda a energia consumida nos 12 aviários, que alojam 500 mil aves por lote.

“As alterações na TRF já tinham limitado o desconto aos produtores. Agora, vamos ser autossuficientes em energia. Com essas bandeiras tarifárias, entre três a quatro anos o investimento vai se pagar”, diz Maia. “Mas o dinheiro economizado com energia por causa do investimento em usinas fotovoltaicas tem que ficar com o produtor. Não adianta, depois, a integradora querer zerar os repasses de energia, alegando que o avicultor já não tem esse gasto. A gente está investindo para deixar de gastar, não para a indústria ganhar em cima”, ressalva.

Os produtores também ressaltam a dificuldade de o produtor captar crédito para investir nos projetos. Em algumas regiões, os avicultores não conseguem acesso ao Renova PR, programa do governo do Estado para fomentar a implantação de sistemas de energia renovável. Ainda assim, quem instalou as usinas em seus aviários atesta os benefícios.

“O ganho real só vai existir quando o produtor terminar de quitar o financiamento. Mas sem sombra de dúvidas é uma alternativa viável. Em vez de pagar a energia à concessionária, você paga o financiamento da implantação da usina, que é um ativo do produtor”, diz o presidente da Comissão de Avicultura da FAEP, Diener Gonçalves Santana.



Números são usados nas negociações com as indústrias

O levantamento dos custos de produção dá subsídios concretos aos avicultores para negociarem com representantes da agroindústria, no âmbito das Comissões para Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs). O objetivo é que, com os dados em mãos, os produtores possam apresentar os números da atividade às integradoras, reivindicando reajustes e remunerações mais condizentes com a conjuntura.

“Agora é o momento de os produtores recorrerem às Cadecs, para conseguirem uma melhor negociação, porque a situação está à beira do insustentável, principalmente aos produtores que têm financiamentos. Alguns estão parando com as renovações, o que gera um impacto na eficiência e na produtividade. É hora de negociar”, diz Mariani Ireni Benites, do DTE.

Diener Gonçalves Santana ressalta a importância de os produtores participarem dos levantamentos dos custos de produção e de fortalecerem as Cadecs. Na avaliação do presidente da CT, é a partir da união que a categoria vai conseguir avanços. “Se os avicultores não se manifestam, a indústria vai entender que as condições são satisfatórias. Temos que aproveitar esse levantamento feito pelo Sistema FAEP/SENAR-PR e levá-lo para a mesa de negociação, para que a partilha seja justa”, opina.

Os produtores da Cadec de Paranaíba, por exemplo, já agendaram uma reunião com a integradora para janeiro. A expectativa dos avicultores é chegar a um consenso, com base nos dados trazidos pelo levantamento. “A nossa integradora é bastante atenta os custos apresentados a partir da planilha Do Sistema FAEP/SENAR-PR, apesar de haver alguns pontos de divergência. O importante é que se unificasse o diálogo, chegando a um consenso no que diz respeito aos custos. Essa organização já é o primeiro passo para unificarmos o diálogo com a indústria”, diz Carlos Eduardo Maia.



Mariani Ireni Benites
Técnica
DTE - Sistema FAEP/SENAR-PR

Cadeia promissora com custos nas alturas

A avicultura brasileira vai fechar 2021 com índices recordes de produção e exportação, e apesar disso, o levantamento de custos de produção realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR mostrou que o cenário é, no mínimo, preocupante para os produtores de frango de corte do Paraná. Apesar de o Estado alojar 30% de todo frango do país e carregar o título de maior produtor e exportador, muitas despesas têm deixado os avicultores no prejuízo.

Os desafios para a cadeia produtiva de frangos foram vários ao longo do ano, com alta dos custos de produção de todos os lados: os preços do milho e do farelo de soja; alta do dólar, que apesar de beneficiar as exportações, encareceu a importação de insumos necessários à produção; e elevação dos combustíveis e da energia elétrica, fatores que mais impactaram os custos desembolsados pelo produtor.

É um tanto quanto incoerente que uma das pontas dessa cadeia tão promissora esteja se equilibrando com as contas e correndo o risco de não se sustentar a longo prazo. O produtor precisa conhecer a sua realidade e ter dados consistentes da sua região para comparar seus custos com a média local e assim poder negociar com a indústria. Esse é o objetivo do levantamento de custos realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR: subsidiar os produtores com informações e auxiliar junto às Comissões de Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs) para as negociações da remuneração junto as indústrias.

Altos custos mantêm resultados negativos na suinocultura

Preço pago aos produtores integrados não é suficiente para cobrir os custos totais da atividade. Independentes apresentaram melhora, mas ainda amargam prejuízos

Por Bruna Fioroni

Mesmo com os reajustes na remuneração do suinocultor, o valor recebido não é suficiente para cobrir os custos de produção da atividade. Essa é a realidade da suinocultura paranaense, que se manteve instável em 2021. Os resultados foram apresentados no levantamento de custo de produção, realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR em novembro deste ano. Apesar da variação positiva em algumas modalidades de produção em comparação a maio, os gastos para sustentar a atividade continuam elevados e o saldo não saiu do vermelho.

Na produção integrada, os maiores aumentos se deram em energia elétrica, combustíveis, Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e manutenção. Já na independente, houve redução dos gastos com alimentação, em função de uma leve queda nos preços da soja e do milho.

“O boom nos preços apareceu de forma mais significativa nos primeiros seis meses de 2021. Agora, a alta não foi tão generalizada quanto no semestre anterior, mas os custos continuam onerando o produtor. Com o aumento da depreciação, a viabilidade da atividade a longo prazo preocupa”, afirma Nicolle Wilsek, técnica do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Para os produtores integrados, apesar do aumento do preço médio recebido nas modalidades UPD, UPL, UPT nos Campos Gerais e Crechário, as margens continuam estreitas e negativas. Na fase UPL da região Sudoeste, por exemplo, o saldo sobre os custos variáveis – que correspondem aos gastos básicos para a produção nas granjas – até subiu em

relação a maio. Mas quando se coloca os custos com depreciação de instalações e equipamentos na conta, a receita obtida não é suficiente para cobrir os desembolsos.

O aumento dos custos com depreciação pode ser observado em outros sistemas produtivos. Em função da pandemia, a oferta de matérias-primas como aço e cimento foi reduzida, o que provocou uma disparada nos preços do setor da construção civil e de implementos. Dessa forma, além da dificuldade em realizar a manutenção das instalações das granjas, os investimentos para melhorias e ampliação da infraestrutura ficam inviáveis.

No mesmo cenário inflacionado pela pandemia, na região Oeste, a modalidade Crechário registrou aumento de 483,3% nos custos com EPIs (o item representa, em média, 3% no gasto total) e 388,4% com energia elétrica e combustíveis, enquanto as UPTs assinalaram alta de 117,2% e 32,7%, respectivamente. Nas UPDs do Sudoeste, as despesas com energia elétrica e combustíveis foram as maiores responsáveis pelo aumento do custo de produção, com 72,4%. A explicação está no agravamento da crise hídrica, com reajustes na tarifa, prática da bandeira vermelha e criação da bandeira tarifária escassez hídrica, além da redução de subsídios à classe rural.

“A participação da energia elétrica e combustíveis nos custos de produção passou de 10% para 15%, em média, enquanto o desembolso com mão de obra teve uma redução de 60% para 55%. Dessa forma, a queda observada nos gastos com mão de obra acabou sendo anulada, mantendo negativo



o saldo sobre custos operacionais e totais”, afirma Luiz Eliezer Ferreira, do DTE do Sistema FAEP/SENAR-PR.

A suinocultura independente, apurada nos Campos Gerais, foi a única em que houve registro de saldo positivo sobre os custos operacionais e totais. Enquanto no primeiro semestre a modalidade Ciclo Completo foi fortemente afetada pelos gastos com alimentação e redução do preço pago ao suinocultor, agora, houve aproximação de uma estabilidade de valores. Apesar do resultado, os produtores independentes ainda amargam prejuízos e têm pouco capital para investimentos ou melhorias.

Segundo a presidente da Comissão Técnica (CT) de Suinocultura, Deborah de Geus, a alternativa tem sido buscar ao máximo eficiência produtiva. “Cada produtor tem que olhar bem para sua propriedade, avaliar os pontos em que pode melhorar e quais deles têm maior impacto econômico. Claro que, nesse momento, é complicado fazer investimentos. Por isso é necessário muito planejamento, pois só sobrevive quem é realmente eficiente”, avalia.

Para 2022, na avaliação da presidente, as perspectivas ainda são incertas. O crescimento das taxas de juros causa preocupação, principalmente porque limita o poder aquisitivo do consumidor. A deficiência na oferta de contêineres, que provocou ruptura no fluxo de comércio internacional durante a pandemia, também é uma situação que acredita que deve ser observada. “Temos que nos preparar para um ano desafiador, com bastante adrenalina”, considera.

Levantamento

O levantamento de custos de produção da suinocultura foi realizado nas principais regiões produtoras do Paraná: Campos Gerais, Sudoeste e Oeste. Desta vez, atendendo à demanda dos membros da Comissão Técnica de Suinocultura da FAEP, os painéis foram realizados por fases produtivas, mantendo a série histórica das regiões.

No Sudoeste, participaram suinocultores da Unidade Produtora de Leitões Desmamados (UPD) e Unidade Produtora de Leitões (UPL). No Oeste, Crechário e Unidade Produtora de Terminados (UPT). Nos Campos Gerais, UPT e Ciclo Completo.

Foram consultados produtores rurais, revendedores de equipamentos e insumos, representantes de agroindústrias e de cooperativas, instituições financeiras e demais agentes do setor. Assim como no último levantamento, em maio de 2021, os encontros aconteceram de forma *online*, devido à pandemia do novo coronavírus.

Resultados da suinocultura

Confira os principais dados do levantamento de custos de produção da atividade em 2021



CICLO COMPLETO (R\$/kg)	CAMPOS GERAIS		
	Mai/21	Nov/21	Variação (%)
Custo operacional	6,328	5,762	-8,9
Custo fixo	0,210	0,208	-1,0
Custo total	6,538	5,861	-10,4
Preço por quilo de suíno vivo	5,25	6,00	14,3
Saldo/Custos variáveis	-1,08	0,347	132,2
Saldo/Custo operacional	-1,25	0,238	119
Saldo/Custo total	-1,29	0,139	110,8

UPD - COMODATO (R\$/cabeça)	SUDESTE		
	Mai/21	Nov/21	Variação (%)
Custo operacional	42,61	42,01	-1,42
Custo fixo	18,42	17,84	-3,17
Custo total	47,60	47,53	-0,15
Preço do leitão	33,80	36,47	7,90
Saldo/Custos variáveis	4,62	6,78	46,75
Saldo/Custo operacional	-8,81	-5,54	37,18
Saldo/Custo total	-13,80	-11,06	19,87

UPL - COMODATO (R\$/cabeça)	SUDESTE		
	Mai/21	Nov/21	Variação (%)
Custo operacional	51,96	45,36	-12,70
Custo fixo	22,67	18,55	-18,18
Custo total	57,41	51,00	-11,15
Preço pago ao produtor	40,00	43,54	8,85
Saldo/Custos variáveis	5,26	11,08	110,70
Saldo/Custo operacional	-11,96	-1,82	84,81
Saldo/Custo total	-17,41	-7,46	57,12

Fonte e infografia: Sistema FAEP/SENAR-PR

UPT - COMODATO (R\$/cabeça)	OESTE			CAMPOS GERAIS*		
	Mai/21	Nov/21	Varição (%)	Nov/20	Nov/21	Varição (%)
Peso venda/animais por lote	127/1200	127/1200		125/1200	130/1900	
Custo operacional	60,74	54,93	-9,57	47,03	46,98	-0,10
Custo fixo	28,79	32,92	14,36	21,61	26,30	21,69
Custo total	66,25	67,71	2,20	49,47	57,57	16,36
Preço recebido/cabeça (por produtor em R\$)	34,00	33,00	-2,94	27,5	33	20,00
R\$/kg suíno vivo	6,00	6,50	8,33	8,5	6,5	-23,53
Valor por animal	750,00	877,50	17,00	1062,5	832	-21,69
Saldo/Custos variáveis	-3,46	-1,79	48,40	2,48	1,73	-30,14
Saldo/Custo operacional	-26,74	-21,93	18,00	-8,267	-13,982	69,13
Saldo/Custo total	-32,25	-34,71	7,63	-12,813	-24,567	91,73

* Essa categoria não teve resultados no levantamento realizado em maio de 2021, por isso a comparação foi feita com novembro de 2020

CRECHÁRIO - COMODATO (R\$/cabeça)	OESTE		
	Mai/21	Nov/21	Varição (%)
Custo operacional	8,19	9,99	22,01
Custo fixo	4,30	3,52	-18,03
Custo total	9,24	11,52	24,66
Preço do leitão	6,07	7,00	15,32
Saldo/Custos variáveis	1,13	-0,99	-187,67
Saldo/Custo operacional	-2,12	-2,99	41,19
Saldo/Custo total	-3,17	-4,52	42,45

Formação dos custos

Custos variáveis - são aqueles que variam de acordo com o nível de produção da atividade. São considerados os desembolsos diretos do produtor e representam os itens de maior impacto na formação dos custos.

Custos fixos - ocorrem independentemente da produção. Para a suinocultura, são considerados os custos com a depreciação de máquinas, equipamentos e edificações e, ainda, a remuneração do capital investido na atividade.

Custo operacional - é a soma dos custos variáveis e fixos.

Custo total - além dos custos variáveis e fixos, considera-se a depreciação e remuneração dos fatores de produção.





Produtores buscam reajustes por meio das Cadecs

O produtor **Paulo Moresco**, de Ipiranga, na região dos Campos Gerais, possui 1,6 mil animais na modalidade UPT e desembolsa a maior parte do seu orçamento com mão de obra e manutenção, já que recebe os insumos alimentares da empresa integradora. “Do ano passado para cá, o custo com a manutenção subiu muito. Se for investir em comedeur automático, trocar telhado ou fazer qualquer mudança na infraestrutura, está saindo muito caro”, conta Moresco, que realizou uma ampliação na granja há cerca de um ano. “Não cheguei a sentir tanto o impacto nessa obra porque havia me planejado muito bem e comprei tudo antecipado. Mas agora a diferença está gritante”, aponta.

Segundo Moresco, os produtores integrados da região recebem, em média, R\$ 30 por cabeça – valor que consideram defasado, principalmente porque houve aumento da conversão alimentar e do Ganho de Peso Diário (GPD) dos animais.

Ainda, para 2022, a integradora está listando algumas solicitações a serem implantadas pelos produtores nas propriedades, como melhoria na estrutura física e instalação de barreiras sanitárias – esta última uma exigência da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar). Para isso, oferece um incentivo de R\$ 1,68 por cabeça durante quatro anos. A revisão destes valores – preço pago e incentivo – está entre as reivindicações dos suinocultores. Moresco, que participa da Comissão para Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadec) há um ano, reforça a importância do fórum para a negociação junto às empresas e cobra que mais produtores participem para reivindicar remunerações mais condizentes com a conjuntura.



CONFIRA O LEVANTAMENTO DE CUSTOS COMPLETO

É fácil!

- Para consultar as planilhas completas do levantamento dos custos de produção da suinocultura da FAEP, acesse o site sistemafaep.org.br ou no QR Code ao lado.





“Os maiores avanços em questão de remuneração começaram a ocorrer depois que foi formada a Cadec. Passamos por dificuldades, mas as melhorias são significativas”

*Miguel Thomas,
suinocultor em Dois Vizinhos*

Em outras regiões, os suinocultores também estão buscando apoio na Cadec para melhorar o preço recebido pelo suíno. Segundo **Miguel Thomas**, produtor de Dois Vizinhos, no Sudoeste, e representante das modalidades UPL e UPD no fórum de Toledo, no Oeste, houve um reajuste de 6% em novembro e, a partir de janeiro, serão mais 2%. “Nós ainda temos um déficit de 15% a 18% para conseguir cobrir os custos de produção e gerar lucro. A integradora está ciente disso e estamos negociando”, relata.

Com o levantamento realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, os produtores da região conseguiram unificar a planilha de custos apresentada à agroindústria e, assim, ter embasamento para as negociações. “Eles se comprometeram a reparar essas diferenças a partir de fevereiro”, revela. “Os maiores avanços em questão de remuneração começaram a ocorrer depois que foi formada a Cadec em 2018. Passamos por dificuldades, mas as melhorias são significativas”, complementa.

Uma nova reunião já está marcada para acontecer neste final de ano, para apresentação dos custos de produção e revisão dos valores. Na avaliação de **Agostinho Ceolato**, coordenador da Cadec de Toledo, o diálogo entre os setores vem se mantendo positivo. Então, a expectativa é que entrem em um acordo satisfatório para ambos.

“A pandemia encareceu muito a situação e os valores da agroindústria estão defasados. Por exemplo, em agosto do ano passado, uma granja custava em média R\$ 970 mil. Hoje está custando R\$ 1,6 milhão. Também tem muito produtor com manutenção para fazer, mas com dificuldades por causa dos preços das matérias-primas”, argumenta. “Eles dão uma ajuda de custo que está mantendo a produção, se esse valor for repassado em reajuste, já seria muito bom para nós”, finaliza Ceolato.





Por Nicole Wilsek
Técnica
DTE - Sistema FAEP/SENAR-PR

Estabilidade dos altos custos

O ano de 2020 já havia expressado melhores resultados no valor praticado para o quilo do suíno vivo e sinalizava projeção positiva para 2021. Porém, o elevado aumento dos custos produtivos fez a produção caminhar no vermelho. O déficit econômico se dá, especialmente, em razão das constantes altas nas cotações de soja e milho, principais componentes da alimentação de suínos, além de outros insumos utilizados diariamente nas granjas, que chegaram a dobrar de preço no último período, além do aumento das despesas com mão de obra. Esses fatores têm agravado o novo quadro de crise que se instalou na suinocultura comercial.

No mesmo cenário, a alta do dólar que favoreceu as exportações, não somente de insumos agrícola, também impactou as matérias-primas, como ferro e aço, usadas nas construções e manutenções de granjas. Toda essa conjuntura reflete em um aumento significativo do custo de produção da suinocultura paranaense, sem acompanhamento no valor pago pelo suíno terminado.

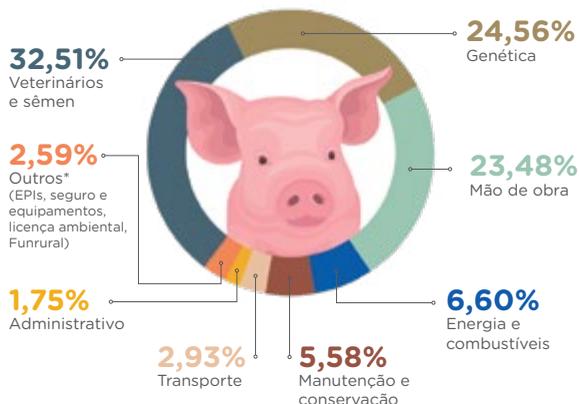
O maior reflexo no ano de 2021 se deu no primeiro trimestre. Os resultados levantados no segundo semestre apontam que o aumento permaneceu em estabilidade, não alcançando picos como no levantamento de maio deste ano. Interpretando os resultados dos painéis realizados pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, resume-se que a suinocultura do Estado se manteve em estabilidade dos altos custos praticados na pandemia, com forte impacto nos custos de produção, com leves melhoras no saldo do custo total. De forma mais específica na produção integrada, o aumento se dá com energia elétrica e combustíveis, particularidade da escassez hídrica, ausência das tarifas rurais e prática da bandeira vermelha.

Composição dos custos

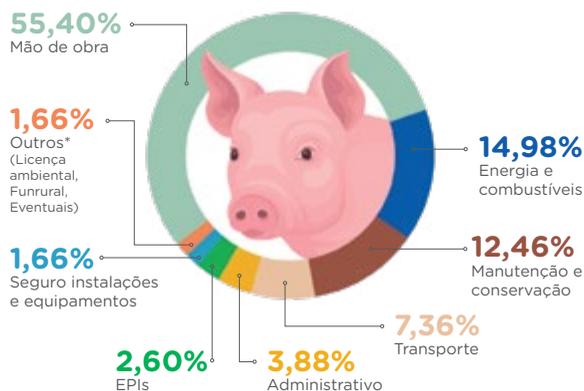
Veja como os custos variáveis são formados e a porcentagem correspondente a cada item, de acordo com o modelo de produção

SUDOESTE

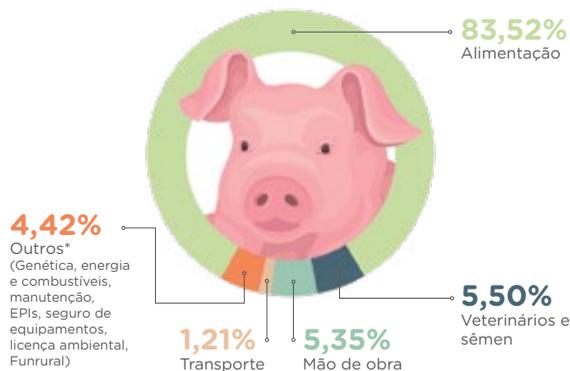
UPD - COMODATO



UPL - COMODATO

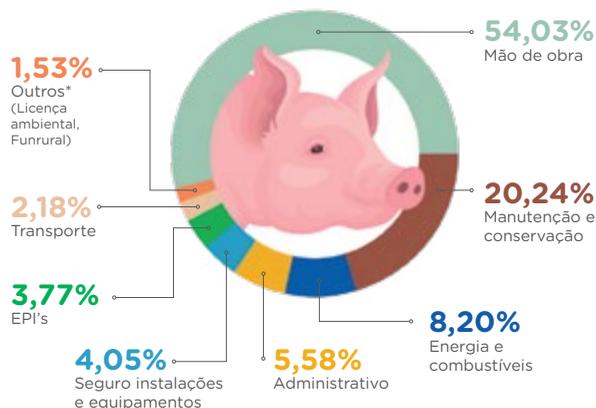


CICLO COMPLETO

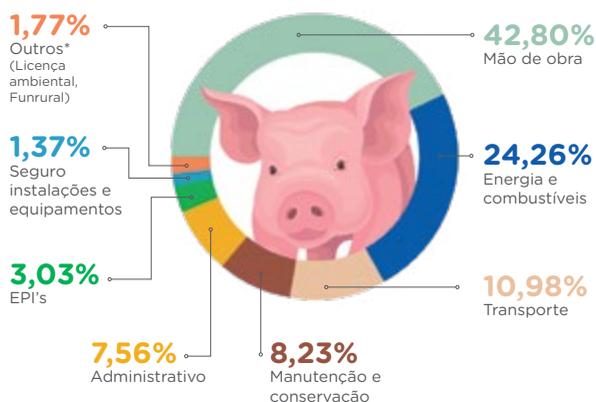


OESTE

UPT - COMODATO

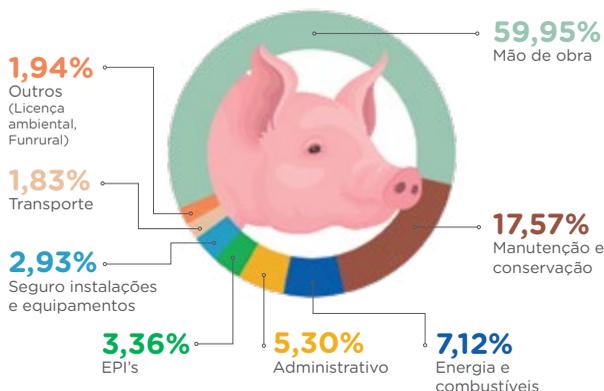


CRECHÁRIO - COMODATO

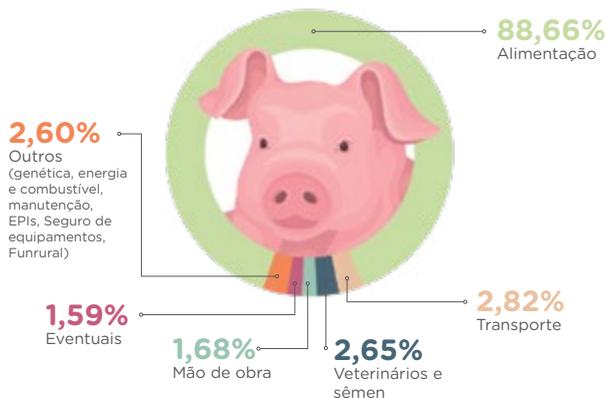


CAMPOS GERAIS

UPT - COMODATO



CICLO COMPLETO



*Custos inferiores a 1% foram somados e representados no infográficos pelo item "Outros" | Fonte e infografia: Sistema FAEP/SENAR-PR

Mão de obra é o "calo" do custo de produção

Na composição dos custos da atividade, a mão de obra é um item que se destaca em praticamente todas as modalidades de produção. Segundo Nicolle Wilsek, do DTE do Sistema FAEP/SENAR-PR, a suinocultura possui particularidades que tornam a manutenção do funcionário mais cara, como jornadas de trabalho mais longas, horários não comerciais e maior escalonamento de folgas e plantões. Ainda, há escassez de mão de obra qualificada.

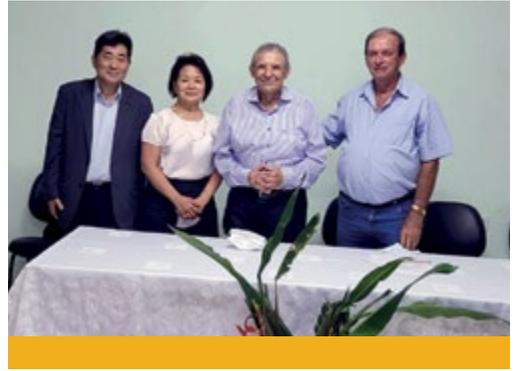
"É mais custoso manter o funcionário, que precisa ter um certo nível de qualificação para atender as demandas da atividade. Quanto mais granjas, menor o número de funcionários qualificados disponíveis, favorecendo a alta rotatividade, principalmente porque vira uma espécie de 'leilão' de salários, dificultando a manutenção de um funcionário por muito tempo em uma granja", explica Nicolle.

Outro fator que contribui para este cenário, de acordo com a presidente da CT de Suinocultura, Deborah de Geus, é a desmotivação dos funcionários, justamente porque o produtor não consegue fazer um repasse significativo para a mão de obra devido ao alto custo de produção. A inflação também pesa nas contas, pois fica acima do dissídio salarial. "Tudo isso acaba impactando negativamente nos resultados da granja. É um ciclo", observa Deborah.

Para o produtor Miguel Thomas, a alta rotatividade de funcionários é um dos maiores gargalos, que chega a 50% ao ano – ou seja, em média, o funcionário permanece na mesma granja por até dois anos. Para ele, que trabalha na modalidade UPL com ciclos de matrizes de cinco meses, isso significa que um mesmo funcionário acompanha até, no máximo, cinco ciclos. "É pouco tempo para qualificar a mão de obra para ter melhores resultados. O funcionário não cria raízes e fica difícil investir na equipe. O tempo médio de permanência ideal deveria ser, no mínimo, o dobro", diz.

Posse no Sindicato Rural de Ibiporã

Mais um sindicato rural do Paraná passou a ter uma mulher no comando. No dia 8 de dezembro, Florisa Satie Hoshino tomou posse como presidente da entidade para o mandato 2022/24. Florisa faz parte da Comissão Estadual de Mulheres da FAEP, criada este ano. Na foto com a nova presidente, o secretário da Agricultura de Ibiporã, Luiz Hiroshi Shimizu; o ex-presidente do sindicato, Antonio Nadir Bigati; e o diretor da FAEP Walter Ferreira Lima, esteve presente no evento de posse representando a entidade.



AAJ em parceria com a Geneslab

No dia 7 de dezembro, ocorreu a formatura da turma do programa Aprendizagem de Adolescentes e Jovens (AAJ), do Sistema FAEP/SENAR-PR, em parceria com a empresa Geneslab. Ao longo da formação, as aulas teóricas aconteceram no Centro de Treinamento Agropecuário de Ibiporã e as práticas profissionais na própria empresa, em Londrina, focadas em classificação de grãos. Os instrutores do SENAR-PR Lidiane Barbosa Braga e Mauro Cezar Barbosa, a monitora Nancy Sipoli Sert Ferreira, designada pela Geneslab, e o supervisor do Sistema FAEP/SENAR-PR Umberto Valentini acompanharam todo o processo.

Posse em Mandaguari

No dia 13 de dezembro, a nova diretoria do Sindicato Rural de Mandaguari tomou posse para a gestão 2022/24. O novo presidente é Agnaldo Esteves, também presidente da Sicredi Agroempresarial PR/SP. Na ocasião, o coordenador do Departamento Sindical do Sistema FAEP/SENAR-PR, João Lázaro, representou a entidade, além da prefeita Ivonéia Furtado, presidente da Cocari, Marcos Antonio Trintinalha, e produtores rurais associados.



Pacheco em Cascavel

No dia 10 de dezembro, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, participou de um evento com autoridades, empresários e líderes rurais em Cascavel, na região Oeste. Na ocasião, Pacheco falou sobre as perspectivas para a economia brasileira em 2022. O presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, também participou do evento e pediu o apoio do parlamentar na aprovação de leis que incentivem o uso de energias renováveis no meio rural. Ainda, estavam presentes o presidente do Sindicato Rural de Cascavel Paulo Orso, e o presidente da Comissão Técnica de Aquicultura, Edmilson Zabott.

Novo terminal da Coamo

A Coamo, cooperativa de Campo Mourão, no dia 9 de dezembro, inaugurou o Terminal Portuário II, com capacidade de 80 mil toneladas, no Porto de Paranaguá, após investimento de R\$ 200 milhões. A cooperativa passa a ter 150 mil toneladas de capacidade estática no local. A nova estrutura possui três silos, armazém graneleiro, cinco moegas com capacidade operacional para recebimento de 1.380 toneladas/hora e tombadores para caminhões, que facilitam o fluxo da movimentação no corredor de exportação. O evento de inauguração contou com diversas autoridades, como o governador Carlos Massa Junior, quatro secretários estaduais, presidente do Conselho de Administração da Coamo, José Aroldo Gallassini, o presidente executivo da Coamo, Airton Galinari, o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, entre outras.



INFORME

Veja também no site
www.fundepecpr.org.br

FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 30/11/2021

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$				DESPESAS EM R\$			SALDO R\$
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES	FINANCEIRAS/BANCÁRIAS	
	1-13	14						
Saldo C/C	163,90	-	-	40,92	-	-	-	204,82
Serviços D.S.A.	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	49.360.475,19	-	2.341.952,64	-	55.999.860,89
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	5.093.440,70	-	200.997,48	-	17.426.369,04
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	4.926.217,92	-	-	-	8.750.752,55
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	190.340,75	-	-	-	267.663,53
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	18.634,77	-	-	-	24.473,38
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	239.376,49	-	-	-	323.384,40
Pgto. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
TOTAL	20.744.345,90	4.624.105,00	141.031,00	59.967.207,83	542.225,27	2.683.981,12	77.567,43	82.715.141,18
SALDO LÍQUIDO TOTAL								82.715.141,18

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO-CRC/PR-045.388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.



GUAMIRANGA

DERIVADOS DE PESCADOS

O curso “Derivados de pescados” finalizou em 18 de setembro, sendo ofertado pelo Sindicato Rural de Ivai. O instrutor Frederico Leoneo Mahnic repassou os conhecimentos a cinco participantes.



CASCAVEL

OPERAÇÃO DE DRONES

Por meio do Sindicato Rural de Cascavel, em parceria com a Associação Regional dos Engenheiros Agrônomos de Cascavel (AREAC), entre os dias 1º e 3 de julho, foi realizado o curso “Operação de drones”. O instrutor Arnaldo Antunes dos Santos Neto certificou sete participantes.



PONTA GROSSA

CLASSIFICAÇÃO DE GRÃOS

Em Ponta Grossa ocorreu o curso “Classificação de grãos – feijão” para seis participantes. O treinamento com o instrutor Caetano Benassi foi realizado em 23 de setembro.



CIANORTE

PÁ CARREGADORA

Encerrou em 13 de agosto o curso “Pá carregadora (sobre rodas)”. O instrutor Eraldo Moreira da Silva capacitou oito participantes com apoio do Sindicato de Cianorte e a Prefeitura de Cianorte.



MARINGÁ

CONSERVAS, MOLHOS E TEMPEROS

Nos dias 22 e 23 de setembro, o Sindicato Rural de Maringá ofertou o curso “Produção artesanal de alimentos – conservas, molhos e temperos”. Quem habilitou os seis participantes foi o instrutor Sergio Kazuo.



CASCADEL

APICULTURA

Oito pessoas participaram do curso “Apicultura – abelhas sem ferrão”, oferecido pelo Sindicato Rural de Cascavel. O treinamento aconteceu entre 2 a 5 de agosto com o apoio do instrutor Ramon Ponce Martins.



PALOTINA

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

O Sindicato Rural de Palotina, entre os dias 30 de agosto e 2 de setembro, realizou o curso “Trabalhador Volante na agricultura – aplicação de agrotóxicos – NR 31.8” a nove pessoas. O instrutor responsável foi Paulo Marchezan.



MANFRINÓPOLIS

TRATORISTA AGRÍCOLA

Entre os dias 20 e 24 de setembro, o instrutor Adelar Cagnini ministrou a oito pessoas o curso “Tratorista agrícola – operação de tratores e implementos – NR 31.12”. A capacitação foi realizada por meio do Sindicato Rural de Francisco Beltrão em parceria com a Secretaria de Agricultura de Manfrinópolis.



VIA RÁPIDA



Visão de longo alcance

A águia-de-asa-redonda enxerga pequenos roedores quando está voando a 5 mil metros de altura. Essa extraordinária capacidade é possível porque a retina desse pássaro tem milhões de fotorreceptores, células sensíveis à luz que aumentam o alcance visual.



Longo reinado

Aquele que é considerado o monarca com o reinado mais longo é o francês Luís XIV, que reinou de 1643 a 1715, ou seja, durante 72 anos e 100 dias. Já Elizabeth II tem 95 anos e reina há 70 anos, sendo a primeira de todos os reis e rainhas britânicos. Será que ela se tornará a primeira do ranking mundial em breve?

Bolo de aniversário

As festas de aniversário surgiram no Ocidente. Desde a Antiguidade, os romanos já comemoravam o dia do nascimento de uma pessoa, conhecido como "*dies sollemnis natalis*". Os tradicionais bolos de aniversário surgiram na civilização grega, quando os adoradores da deusa da fertilidade, Ártemis, passaram a oferecer em seu templo um preparado de mel e pão, no formato de uma lua.





Atum atleta

Você sabia que o atum, um dos peixes mais populares do mundo e que a gente encontra com facilidade no supermercado e restaurantes japoneses, é um dos peixes que mais nadam? A espécie pode atingir a marca de 64 quilômetros em um único dia.

O susto faz o soluço parar?

Sim, pois no momento em que a pessoa se assusta, o organismo libera a adrenalina, substância que restabelece o funcionamento normal do nervo frênico, interrompendo o problema. Mas, para que isso ocorra, a pessoa tem que se assustar de verdade.



Olhos de coruja

Adaptados para caçar na escuridão, os olhos de uma coruja são tão potentes que às vezes equivalem a 5% do peso da ave. Para proteger tamanha preciosidade, os olhos são abrigados por três pálpebras diferentes: uma para piscar, uma para dormir e outra bem fina para proteger a superfície.

Estreia carnívora

Quando os americanos comeram carne pela primeira vez?
Quando chegou Cristóvão "Com Lombo".



UMA SIMPLES FOTO



Mensagem de final de ano

Em tempos desafiadores, as celebrações de final de ano nos trazem esperança. Ao longo destes dois anos de pandemia, nos deparamos com situações extremamente difíceis, mas sem deixar de acreditar em dias melhores.

O produtor rural já está acostumado com isso, porque sempre lida com adversidades que, muitas vezes, fogem do seu alcance. Não à toa, o agro manteve-se forte mesmo diante de cenários conflituosos.

Desejamos que este final de 2021 seja um momento de serenidade e revigoração para toda a família rural paranaense. E que, para 2022, a coragem e a determinação do homem do campo continuem fazendo do setor produtivo um exemplo de resiliência. Estes são os meus votos, da diretoria e dos colaboradores do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Ágide Meneguette,
presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR

Feliz Natal e um próspero Ano Novo!

SISTEMA FAEP



Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |
Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |
Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|----------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo
porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável